

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**



**UnB**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**TIAGO BARRETO ROCHA**

**SANTO AGOSTINHO E A TRANSCENDÊNCIA DA VIDA FELIZ:**

**Felicidade plena como posse de um bem imutável.**

Brasília  
Novembro/2017

TIAGO BARRETO ROCHA

**SANTO AGOSTINHO E A TRANSCENDÊNCIA DA VIDA FELIZ:**

**Felicidade plena como posse de um bem imutável.**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como pré-requisito para adquirir o título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes

Brasília, novembro de 2017

TIAGO BARRETO ROCHA

**SANTO AGOSTINHO E A TRANSCENDÊNCIA DA VIDA FELIZ:**

**Felicidade plena como posse de um bem imutável.**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como pré-requisito para adquirir o título de Bacharel em Filosofia.

Aprovado no dia: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes

---

Prof. Dr. Hubert Jean-François Cormier

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao sumo bem (*Summum bonum*), pelo dom da vida.

Ao meus pais, Mário José e Eliana Barreto, por todo incentivo ofertado desde quando iniciei o meu primeiro ano escolar. Em especial, agradeço à minha mãe, pelo exímio apoio na escolha do curso de Filosofia; por não ter me deixado desistir durante certa adversidade em minha vida. Obrigado, Mãe!

Ao meu orientador, professor Marcos Aurélio Fernandes, pela ajuda na escolha do tema e pelo importante auxílio ofertado no desenvolvimento deste trabalho acadêmico.

Às adversidades da vida, que me levaram a refletir sobre a questão da felicidade.

Ao filósofo Santo Agostinho de Hipona, pelo seu legado filosófico e por ter despertado em mim um desejo ardente pela Filosofia.

A cada um dos professores que, com seu jeito particular de ser, colaboraram com a minha formação ao longo deste período na Universidade de Brasília (UnB). Em especial, agradeço aos professores: Márcio Gimenes de Paula, Alexandre Hahn, Maria Cecília Pedreira de Almeida, Priscila Rossinetti Rufinoni, Ana Míriam Wuensch, Evaldo Sampaio da Silva , Nelson Gomes, Scott Randall Paine.

Aos amigos de sala de aula, pela companhia e boas discussões filosóficas. Em especial, agradeço a Diego Garcez Oliveira, Lucas Alves Nunes, Carlos Henrique Costa Gomes e Vítor Rodovalho.

A meu amigo Alyson Sousa, a meu irmão Renato Natividade e a meu primo Miguel Ângelo por toda amizade e apoio ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço em especial a Mário Batista Catelli pelo precioso amparo e incentivo ofertado ao longo destes anos de amizade.

*“Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que o passado e o futuro tem suas origens e existências naquele que é sempre presente. Quem poderá deter o coração do homem, a fim de que pare e veja como a eternidade, não passada nem futura, sempre imóvel, determina o futuro e o passado?”*

(Santo Agostinho, Confissões IX,11)

## RESUMO

A pesquisa deste trabalho tratará sobre a questão da felicidade no pensamento de Agostinho de Hipona. O tema acerca da felicidade foi tão importante para este filósofo que o levou a tratar sobre a questão, logo no início de sua produção literária. Assim escreveu *De beata vita*, uma obra com o foco voltado para a felicidade. Posteriormente, o filósofo de Hipona continuaria tratando sobre tema da felicidade em alguns pontos de outras obras que sucederam.

Para Agostinho de Hipona, a felicidade, em sua plenitude, possui um caráter racional ligado a interioridade da alma humana; ser feliz é saciar por completo o incessante desejo da alma humana que tem sede da posse de uma verdade que seja imutável. Para o filósofo de Hipona, nenhum bem terreno é capaz de suprir por completo aquele desejo incessante da alma. Isto porque a alma clama por uma plenitude e segurança que os bens materiais não podem ofertar. Em realidade, pode ser dito que a felicidade transcende a materialidade deste mundo sensível. Logo não é possível viver plenamente feliz neste mundo terrestre.

Palavras chave: Felicidade, Filosofia, Metafísica, Agostinho de Hipona, Interioridade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 08
<b>Capítulo 1: O QUE É FELICIDADE PARA SANTO AGOSTINHO?</b> .....	p. 13
1.1 A Filosofia e a questão da felicidade na visão agostiniana .....	p. 13
1.2 O conceito de felicidade.....	p. 18
1.3 A relação da felicidade com a alma .....	p. 20
1.4 A universalidade do desejo da felicidade.....	p. 23
1.5 A felicidade e os bens materiais.....	p. 25
1.6 A relação entre a felicidade e o desejo.....	p. 30
<b>Capítulo 2: EM BUSCA DA FELICIDADE</b> .....	p. 34
2.1 A busca pela felicidade .....	p. 35
2.2 A interioridade e a felicidade .....	p. 36
2.3 A sabedoria leva a felicidade .....	p. 39
2.4 O <i>telos</i> da felicidade (A criatura e o Criador) .....	p. 43
2.5 A virtude e a felicidade .....	p. 47
2.6 O acesso à felicidade plena .....	p. 50
<b>CONCLUSÃO</b> .....	p. 56
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	p. 59

## INTRODUÇÃO

A investigação deste trabalho não é capaz exaurir por completo a questão da felicidade em Santo Agostinho, entretanto pretende tratar da concepção deste filósofo sobre a questão. Em realidade, o desenvolvimento desta pesquisa objetiva demonstrar que a verdadeira felicidade consisti na posse de um bem imutável.

Diante das crises existenciais vivenciadas pelo ser humano no mundo contemporâneo, tratar sobre um sentido para vida que lhe traga paz e felicidade é uma questão ainda bastante relevante. Devido à importância da temática, as linhas que se seguem tratam da busca sobre como é possível ao homem viver uma vida feliz, segundo o pensamento de Agostinho de Hipona.

No decorrer da história, foi imbuído por cunho filosófico que o ser humano buscou encontrar explicação e sentido para sua existência, além das respostas para questionamentos do tipo: de onde viemos? Para onde vamos? – especulações bem típicas de uma atmosfera ontológica e metafísica. Em torno desta questão, a felicidade tornaria um tema relevante e passaria a ter uma grande importância dentro da discussão filosófica. Deste modo, os homens passariam a refletir melhor sobre a finalidade última de seus atos visando alcançar uma vida feliz.

Em realidade, a felicidade ocupou um espaço de grande destaque na reflexão acerca da vida humana. Logo, questionamentos do tipo: como ser feliz? E o que fazer para ser feliz? seriam tipicamente provenientes daquele desejo humano de encontrar respostas para viver uma vida feliz. Foi justamente na busca em responder a tais indagações que Agostinho traçou seu itinerário filosófico em prol da questão de como o homem poderia alcançar a vida feliz – algo que ainda hoje é relevante para todo aquele que medita sobre o sentido da existência.

A vida de Agostinho de Hipona foi marcada por uma notória inquietude que o levou a buscar um sentido para a sua vida. Deste modo, buscou encontrar uma verdade que lhe pudesse servir como direcionamento. Após ter passado pelo maniqueísmo e ceticismo, o bispo de Hipona encontraria na filosofia de alguns escritos neoplatônicos a construção ideal para tratar sobre a questão do alcance da felicidade. Após a inclinação pelos estudos da Filosofia, ele deu início ao seu percorrer filosófico em busca da explicação de como o homem poderia alcançar a vida feliz.



Posteriormente a sua conversão, no ano de 386, Agostinho compõe *Vida feliz* – um diálogo que trata da felicidade como um supremo bem alcançado pelo sábio. A sabedoria, no pensamento de Agostinho, é, por vezes, confundida e vista como sinônimo de felicidade (beatitude). Nesta perspectiva, a sabedoria – advinda de uma vivência filosófica – viabilizaria o encontro do homem com a felicidade. Tal pensamento de felicidade associado à sabedoria era bem típico da Filosofia Antiga. Agostinho teve certa influência deste pensamento filosófico antigo para construir seu pensamento cristão em torno da felicidade.

Mais tarde, por volta do ano 397- 401, o filósofo escreve *Confissões*. Aqui, ele destaca não somente a experiência de sua conversão, mas também seu imenso ardor de encontrar uma verdade definitiva que trouxesse a satisfação de uma vida feliz. A filosofia agostiniana inseriu-se em uma profunda reflexão sobre a existência humana. Logo, o pensamento agostiniano buscou tratar, com certa sensibilidade, sobre os desejos e as paixões existentes na vida do homem.

Para Santo Agostinho, seria somente por intermédio da razão e por uma correta condução da vontade que o ser humano alcançaria a “terra firme” da desejada felicidade. Em outros termos, seria conduzido pela sabedoria e pelo controle virtuoso da temperança que o homem alcançaria a verdadeira vida feliz (beatitude). Neste sentido, a Filosofia serviria como uma chave de acesso à felicidade.

Para melhor compreender a relação existente entre a “Filosofia” e a “felicidade” no pensamento de Agostinho, vale pontuar que Cícero – um dos filósofos que o influenciou – tinha a Filosofia como uma espécie de condução para a felicidade. Neste sentido, aquele homem que se deixasse guiar pelo caminho da Filosofia poderia se tornar sábio e, assim, encontrar a felicidade.

Cícero ainda aponta que aqueles que certamente não são filósofos, ou seja, aqueles que não buscam agir como sábios, costumam viver de maneira não virtuosa, uma vez que vivem no impulso do seu bel prazer. Para o pensamento de Cícero, tais seres humanos não poderiam alcançar a verdadeira felicidade, pois, a privação da sabedoria e a falta de um correto agir motivado pela ignorância os levariam à infelicidade.

A ignorância de uma vida não sábia leva os homens a não viverem de maneira correta, uma vez que acabam desejando o que não convém para alcançar a vida feliz. Logo, seria preferível que o ser humano não possuísse tudo o que deseja, pois, como deseja coisas que não são benéficas, acabaria desejando coisas que o tornaria infeliz. Em torno da condução de um correto agir e um pensar sábio, Agostinho estruturou sua proposta para a problemática da felicidade.

De modo abrangente, a “felicidade” certamente é uma via de experimentação da vida, e sua conceituação pode ser ampla, abordando várias perspectivas. Embora a felicidade plena seja denominada “beatitude” por Agostinho, neste trabalho foi optado o uso da palavra “felicidade”, pois este termo é capaz de abrigar uma gama de significados que vai do simples bem-estar proporcionado pela satisfação de uma necessidade específica até a beatitude – um estado de plenitude que ultrapassa qualquer realização de desejo, onde sequer existem desejos, uma vez que estes revelariam carências e insatisfações atuais. Prefere-se tal abordagem porque dentro dela é possível apreciar com liberdade múltiplos aspectos da felicidade – experiência – infinitamente rica – profundamente ligada ao potencial e à motivação da humanidade.

A metodologia deste trabalho é dada de maneira hermenêutica, trata-se de uma pesquisa sobre o do tema da felicidade nas obras de Santo Agostinho. A partir dessa ótica, irei abordar o tema com certo foco voltado para a principal obra do filósofo sobre a felicidade: *A vida feliz*. Para ampliar o entendimento sobre a questão da felicidade, em Agostinho, serão utilizadas outras obras pertinentes ao assunto como: *Confissões*, *Solilóquios*, *A Trindade*, *Doutrina Cristã*, *Cidade de Deus*.

Em realidade, a pesquisa deste trabalho trata sobre o tema da vida feliz em Agostinho de Hipona. Um dos propósitos é mostrar que a felicidade plena somente ocorrerá com a posse de bem imutável que transcenda este mundo perecível. A presente pesquisa é dividida em dois capítulos, onde, inicialmente, é proposto um entendimento sobre o que é felicidade para Agostinho?; e outro momento tratar-se-á sobre a busca do homem pela felicidade. E por fim, no último item trabalhado, será tratado sobre a questão do acesso à vida feliz.

No primeiro capítulo, “O que é felicidade para Santo Agostinho?”, tratar-se-á da visão do filósofo de Hipona sobre o tema da vida feliz. Para falar sobre a questão, Agostinho usa a alegoria dos navegantes, onde apresenta três tipos de homens que navegam ao mar em busca da felicidade.

Santo Agostinho tratou sobre a questão da felicidade associando-a aos desejos humanos. Ainda que a felicidade esteja associada a satisfação dos desejos, o anseio em viver feliz não consisti em satisfazer todos os desejos, pois é necessário que o homem viva com sabedoria para desejar o que convém para sua felicidade.

Acerca da questão antropológica do ser humano, Agostinho asseverou que não pode existir homem algum se não houver corpo e alma. Desta maneira, classificou o homem como um ser composto dessas duas partes. O filósofo de Hipona considera que a alma está hierarquicamente acima do corpo e para que o homem encontre a verdade almejada será preciso que ele se volte para a interioridade de sua alma.

O conceito de felicidade, para Agostinho, comporta um caráter sapiencial ligado à interioridade da alma, contrastando, assim, com outras visões que associavam a felicidade com satisfações externas ligado ao corpo. Na visão do bispo de Hipona, a vida feliz seria a própria beatitude – um estado espiritual de plenitude e paz alcançado pelo sábio, ser feliz é obter a posse de um bem que seja pleno e imutável. Considerando isto, pode ser dito que tratar sobre a questão da felicidade, em Agostinho, é considerar que ela não é inerente a materialidade deste mundo. Por isso a felicidade não pode estar ligada às satisfações ligadas aos bens materiais que são mutáveis.

O segundo capítulo trata da busca do homem pela felicidade, nesta parte será tratado sobre o incessante desejo humano em encontrar uma verdade segura que oferte a paz de uma vida feliz. Para Santo Agostinho, a busca pela felicidade não deve consistir na externalidade das coisas corpóreas, mas sim na interioridade da alma. Neste ínterim, o filósofo de Hipona mostrará que a sabedoria leva o homem a agir corretamente com vistas para o caminho da vida feliz. Deste modo, o homem deve viver conforme a virtude, pois esta trabalha em prol do caráter prático do ser humano em direção ao bem.

Para Agostinho, os seres humanos possuem um desejo inato em relação ao desejo de felicidade. Por este motivo todos homens anseiam a busca de uma vida que os leve à vida feliz. Para o filósofo de Hipona há um certo aspecto teleológico no ato da criação dos seres humanos, em outras palavras, há uma finalidade proposta por Deus em seu ato criador, pois o homem (criatura) somente se realizará plenamente quando se unir com o seu Criador, em uma comunhão perfeita.

## Capítulo 1 - O QUE É FELICIDADE PARA SANTO AGOSTINHO?

Para Agostinho de Hipona, a concepção da verdadeira felicidade envolve uma reta satisfação dos desejos. Em realidade, a felicidade envolve a plenitude e satisfação dos desejos humanos, porém não é qualquer tipo de desejo ou satisfação que levará o homem ao alcance da vida feliz. Para o filósofo de Hipona, a verdadeira felicidade deve ser buscada no conhecimento da verdade interior que habita no homem.

### 1.1 A Filosofia e a questão da felicidade na visão agostiniana

A felicidade foi alvo de grande discursão no ambiente da Filosofia Antiga. O desejo de ser feliz, visto como um desejo inerente ao ser humano, despertou na Filosofia um grande interesse de discussão e reflexão. Suzana Albornoz, na apresentação da obra *A Filosofia e a felicidade*, aponta: “[...] os filósofos que por definição possuem compromisso com a sabedoria, têm oferecido suas reflexões e sugestões sobre a questão tão importante para as vidas concretas de todos nós”<sup>1</sup>. E foi justamente nesta busca compromissada de trabalhar a questão da felicidade que a Filosofia se empenhou em contribuir com a sua reflexão.

Séculos antes do nascimento de Cristo<sup>2</sup>, surgiram importantes correntes, como: o epicurismo e o estoicismo, que trataram, de modo enfático, a questão da felicidade. Tais movimentos tinham por norte construir um pensamento que direcionasse o ser humano para o correto caminho da vida feliz.

De certo modo, para a Filosofia grega, a felicidade estava ligada à sabedoria. Portanto, o ser feliz era uma questão que passaria pelo crivo de uma vivência sábia e racional. Neste sentido, a Filosofia grega, tal como o pensamento estoico e neoplatônico, exerceram certa ação sobre o pensamento de Agostinho. Foi aí que o filósofo de Hipona fez uma espécie de cristianização em sua filosofia sobre a felicidade.

Na Filosofia grega, a felicidade ficou bastante conhecida pelo termo grego “*eudaimonia*”, que significa ter um bom espírito. Clássicos filósofos gregos (Platão e

---

<sup>1</sup> *A Filosofia e a felicidade*, 2004 (p.7)

<sup>2</sup> O Estoicismo surgiu aproximadamente no início do século III a.C e o Epicurismo no século IV a.C.

Aristóteles, por exemplo) atribuíam à felicidade (eudaimonia) como o objeto a ser alcançado pela sabedoria prática. Para Aristóteles, a felicidade seria uma atividade atrelada à virtude<sup>3</sup> dada pelo caráter prático da vida humana. De modo parecido, a felicidade, para Agostinho, também estava associada à sabedoria e ao caráter virtuoso do indivíduo. Já para Platão, a perfeita felicidade não poderia ser associada ao mundo sensível, mas sim, ao mundo inteligível das ideias, que é onde se encontrava o perfeito bem. E aqui, de modo aproximado, Agostinho tem a verdadeira felicidade<sup>4</sup> como algo que não pode ser derivada de satisfações sensíveis ligadas ao corpo, pois, ela possui um aspecto mais metafísico e está ligada às satisfações da alma, que tem sede por algo pleno e verdadeiro. Em *Soliloquios*, Agostinho cita: “na alma o ótimo é a sabedoria” e que “o sumo bem do homem é o saber”<sup>5</sup>. Neste sentido, a felicidade é associada à sabedoria que permeia a verdade que a alma busca encontrar.

Para compreender adequadamente a questão da felicidade em Santo Agostinho, é importante considerar que a temática está fortemente ligada à sua conversão<sup>6</sup>. Vale pontuar que a vida do bispo de Hipona foi profundamente marcada pela procura de um verdadeiro sentido para sua existência. Neste sentido, a sua inquietude e sede em encontrar uma verdade definitiva deu impulso para a reflexão sobre a questão da existência humana.

A conversão de Agostinho teve um grande marco, uma vez que tal ação o inseriu na dedicação dos estudos filosóficos. Assim, ele buscou encontrar uma verdade segura que ainda não havia encontrado<sup>7</sup>, se empenhando na tarefa de

<sup>3</sup> ARISTÓTELES– *Ética a Nicômaco*, 2001. “Também nossa concepção se harmoniza com a dos que identificam a felicidade como virtude em geral ou com alguma virtude em particular, pois a felicidade é a atividade conforme a virtude” 1098 b [30].

<sup>4</sup> Felicidade no sentido de plenitude. A “verdadeira felicidade” para Santo Agostinho tem um caráter plenitude.

<sup>5</sup> *Soliloquios* X,21 (p. 43).

<sup>6</sup> Fatores como os discursos do bispo Ambrósio, leitura de Cícero e escritos platônicos/neoplatônicos contribuíram para a conversão de Agostinho. Após a leitura de *Hortênsio*, Agostinho se empenhou nos estudos da Filosofia. Sob o amparo de uma estrutura filosófica, Agostinho buscou encontrar uma verdade definitiva, ou seja, a verdadeira felicidade. Posteriormente, já convertido ao Cristianismo, aquele filósofo compõe a obra *De beata vita (A vida feliz)*. Vale pontuar que para compreender a questão da felicidade em Agostinho, é importante associá-la à influência do pensamento de Cícero, que lhe foi crucial para o desenvolvimento de seu pensamento.

<sup>7</sup> Roque Frangiotti, na introdução da obra *Confissões*, aponta esta foi escrita anos após a conversão de Agostinho: “Escrita dez anos após sua conversão (397-400) as *Confissões* são, ainda hoje, modelo de narração autobiográfica (*Confissões*. Paulus, 1997. Pág. 9); “Após sua conversão, ele (Agostinho) se retirou em Cassiciaco, uma aldeia ao norte da Itália (...) para total dedicação ao estudo, à filosofia, à meditação e satisfação do seu anseio: a procura de Deus e da verdade” (*Soliloquios*. Paulus, 1998. P.11). Assim, Agostinho encontrou na Filosofia a verdade segura: Deus.

conciliar a Filosofia com o pensamento que já havia adquirido. Posteriormente, daria início à produção escrita, inclusive, abordando o tema “felicidade” em suas obras.

Agostinho destacou-se por sua fluente eloquência. Nas aulas de retórica estava entre os primeiros – o que lhe acarretava em vaidade plena. Em um dos seus estudos ainda no curso de retórica, deparou-se com *Hortênsio*: uma obra de Cícero que fazia notável uma exortação à Filosofia. Esta lhe despertou um grande alvorecer filosófico.

Aquela obra de Cícero mudou a visão de Agostinho sobre o mundo; inclusive, ele mesmo atenta que após sua leitura, sentimentos, desejos e aspirações próprios foram mudados<sup>8</sup>. Posteriormente, Agostinho debruça seus estudos em busca de certa verdade que seria dada pela Filosofia. Em *Confissões*, livro III, Agostinho trata da influência de Cícero e menciona sobre seu desejo em desapegar das coisas terrenas, conforme se segue:

“Como eu ardia, ó meu Deus, em desejos de voar para ti, abandonando as coisas terrenas! No entanto, eu ainda não sabia o que pretendias fazer de mim! Em ti reside a sabedoria. Ora o amor da sabedoria, pelo qual eu me apaixonava com estes estudos, tem o nome grego de filosofia  
(AGOSTINHO,1997, p.70)

A leitura de *Hortênsio* teve uma grande importância na vida de Agostinho, pois, além desta abrasar um desejo ardente pelos estudos da Filosofia, serviu de base para a sistematização filosófica-teológica de seu pensamento. Assim, o filósofo de Hipona daria impulso à sua produção literária, se isolando, por exemplo, em Cassiciaco<sup>9</sup> – norte da Itália – para escrever *De beata vita (A vida feliz)*: uma de suas primeiras obras e a principal sobre a questão da felicidade.

Apesar de Agostinho ter compartilhado do pensamento de Cícero, sentiu uma enorme falta por não ter o nome Cristo no livro *Hortênsio*: “Uma só coisa me magoava no meio de tão grande ardor: não encontrar aí o nome de Cristo”<sup>10</sup>. Por mais que Cícero tivesse estruturado bem a sabedoria, como uma espécie de condução para

<sup>8</sup> “O livro é uma exortação à filosofia e chama-se *Hortênsio*. Devo dizer que ele mudou meus sentimentos e o modo de dirigir a ti; ele transformou minhas aspirações e desejos” (*Confissões*. Paulus, 1997. P. 70)

<sup>9</sup> Lugar onde Agostinho se isolou para produzir a obra *A vida feliz*. Roque Frangiotti aponta que o lugar era uma chácara que serviu como uma espécie de retiro para aquele filósofo escrever *Beata vita*. “Trata-se de um diálogo filosófico na mesma linha das outras obras produzidas neste retiro: *Contra os Acadêmicos, A ordem e Solilóquios*” nota de introdução (*A vida feliz*. Paulus, 1998. P.111).

<sup>10</sup> (*Confissões*. III,4. Editora Vozes, 1987. P.68)

vida feliz, para Agostinho, faltou ser dado o nome a esta sabedoria que é provinda da verdade, que segundo o próprio filósofo, é o próprio Deus.

Uma das possíveis correlações que pode ser estabelecida entre a conversão de Agostinho e a questão da felicidade é que ele, convertido, tinha uma enorme sede de sabedoria e, de modo ardente, desejava ir ao encontro da genuína felicidade.

O contato que Agostinho teve com as obras de Cícero, tal como seu processo de conversão à fé cristã, levou o bispo de Hipona a desenvolver o seu pensamento sobre a questão da vida feliz. Assim, Agostinho redicionaria seus raciocínios para um novo pensar, não somente recorrendo ao pensamento filosófico, mas fazendo uso dos recursos da Teologia para dar conta da problemática acerca da felicidade.

Aproximadamente no ano de 426-427, poucos anos antes de sua morte, Agostinho escreveu *Retractationes*, onde apontou certas considerações que deviam ser refeitas. Ali, o filósofo, inclusive, tece alguns novos posicionamentos sobre a felicidade. Sobre a questão, Roque Frangiotti explica que: “(Agostinho) recém convertido, ainda não havia aprofundado nas Escrituras e pouco ou nada sabia sobre da literatura exegética, apologética, dogmática e história dos padres que o precederam”<sup>11</sup>. Portanto, somente com certo conhecimento adquirido, o Agostinho reconheceria certos equívocos, admitindo, porém, que tal fato não tiraria a utilidade do que tinha escrito, caso fossem reconsiderados:

“[...]estão elas (as obras deste período) cheias de hábitos literários do século. Tais livros podem ser lidos com utilidade, se forem perdoadas algumas faltas. Deste modo, todos os que lerem tais escritos não me imitem nos erros, e sim nos progressos que vim a fazer, em vista de melhorar”<sup>12</sup>  
(AGOSTINHO,1998, p.114)

Na obra *A vida feliz*, Agostinho tinha proposto que o homem devia desejar apenas o que seria possível de realizar<sup>13</sup> e o que pode ser evitado é tolice suportar<sup>14</sup>,

---

<sup>11</sup> Comentário de Roque Frangiotti na introdução do livro *A vida feliz*. (p.112)

<sup>12</sup> Citação do livro *Retractationes*. Citado pelo comentador Roque Frangiotti como parte da introdução da obra *A vida feliz*.

<sup>13</sup> Agostinho cita Terêncio: “Já que as coisas não podem ser tal como queres, desejas apenas o realizável”. *A vida feliz*, IV,25 (p. 146)

<sup>14</sup> Agostinho cita Terêncio: “É tolice suportar o que se puder evitar” *A vida feliz*, IV,25 (p. 146)



posteriormente, na obra *A Trindade, o filósofo de Hipona* reconhece que cometeu certos equívocos referente a essas afirmações<sup>15</sup>.

“Mas quem é feliz pela esperança ainda não é feliz, pois espera com paciência uma felicidade que ainda não possui. Entretanto, aquele que é atribulado sem essa esperança, é atribulado sem qualquer perspectiva de recompensa. Por mais resignação que demonstre, não é deveras feliz, mas corajosamente infeliz. Se não deixa de ser infeliz por isso, por certo, seria muito mais infeliz, se suportasse sem paciência a sua desgraça. E mesmo que esta pessoa não tenha de sofrer o que não quer em seu corpo, nem assim deve se considerar feliz, porque não vive como deseja.<sup>16</sup>”  
(AGOSTINHO, 1995, p.408)

Para contextualizar o caminho que os homens poderiam percorrer em busca de felicidade, no diálogo *A vida feliz*, Agostinho faz uso da figura de três tipos de navegantes:

O primeiro tipo de navegante simboliza os homens que, amadurecidos com a vida, são dominados pela razão. Neste sentido, eles agem de modo prudente e, assim, não se apossam da ousadia de muito se afastarem de sua pátria. Logo, navegam tranquilamente até uma terra firme e tranquila, onde procuram iluminar o caminho dos demais com seus sábios escritos.

Diferente do primeiro tipo de navegante que é dominado pela razão, o segundo tipo de navegante simboliza aqueles homens que, apossados da ignorância, são enganados pelos aspectos falaciosos do mar. Por conta disto, adotam uma postura descuidada e permite se lançarem nas aventuras do alto mar. Desta maneira, acabam indo longe demais, distanciando de sua pátria que, por sua vez, geralmente é esquecida. Deste modo, os navegantes acabam, então, se perdendo no “profundo abismo da miséria”<sup>17</sup>. Por outro lado, aqueles que não forem longe demais e que não

---

<sup>15</sup> Nair de Assis Oliveira comenta que: “[...] vemos que no presente Tratado “A Trindade”, escrito bem uns 20 anos após ter vivido profundamente a vida cristã, Agostinho mudou de ótica no seu julgamento. Considera no presente tais atitudes como orgulho ridículo de filósofos presunçosos. Acontece que naquela época, o estoicismo exercia certa influência sobre ele. Notas Complementares do livro *A Trindade* (p. 675)

<sup>16</sup> A Trindade XIII,10

<sup>17</sup> AGOSTINHO, santo. *A vida feliz*. 1. ed. São Paulo: Editora Paulus, 1998. Santo Agostinho assim se refere a este segundo grupo de navegantes: “Ousam aventurar-se distante de sua pátria e, com

tiver diversidades muito danosas, em seu percurso, acabam tendo a chance de voltar para o porto seguro de sua pátria.

Para Agostinho, o terceiro grupo de navegante seria uma espécie de meio termo entre o primeiro e o segundo tipo de navegante. Este terceiro grupo é visto na figura daqueles homens que desde o início de sua juventude ou após certo tempo de experiência no mar não se desprendem totalmente de sua pátria, assim acabam, comumente, lembrando-se dela. Entretanto, muitas vezes, certos navegantes ainda se perdem no percurso do mar. “Deixam-se deter pelas doçuras do percurso. Perdem a oportunidade do retorno”<sup>18</sup>. Assim, tem-se o aumento do risco de naufragar sua embarcação.

Diante do percurso ao mar da vida, os homens tornam suscetíveis os encontros com os vagalhões e tempestades que tornam adversa a rota percorrida. Isto ainda pode intensificar caso o navegante desvie do caminho beatífico. Portanto, caso ocorra algum transviamento da rota correta, certamente virá alguma instabilidade que poderá levar o homem a infelicidade.

Para Santo Agostinho, tem-se certa fugacidade nos projetos e nas conquistas de bens terrenos, pois, o ser humano acaba sendo atingido pelas vicissitudes das marés e pela corruptibilidade dos bens que conquistou. Desta maneira, a infelicidade sempre vem de encontro ao homem, que deve refletir sobre uma solução para resolver a questão de instabilidade dos bens que conquistou. Agostinho, percebendo que tais instabilidades “mundanas” e materiais traziam aos homens a infelicidade, propõe aos mesmos que busquem um bem estável e imutável para alcançarem a almejada vida feliz.

## 1.2 O conceito de felicidade

Para entender o significado de “felicidade” em Agostinho, é preciso buscar a devida compreensão do significado desta, levando em consideração o idioma latino – língua utilizada por aquele filósofo para se expressar e escrever suas obras.

---

frequência, esquecem-se dela. Se a esses, não sei por qual inexplicável mistério, sopra-lhes vento em poupa, perdem-se nos mais profundos abismos da miséria”. (p. 118)

<sup>18</sup> *A vida feliz* I,1 (p.119)

Note que no *De beata vita*<sup>19</sup> – principal obra de Agostinho sobre a felicidade – possui a seguinte tradução literal para o português: *A vida feliz*. Portanto, “*beata*” seria o termo ideal para expressar o significado de felicidade na perspectiva agostiniana, pois, em suma, traz o significado de “feliz”.

Quando a questão da felicidade é tratada na Filosofia de Santo Agostinho, tem-se o uso do termo “*beatitudo*” – uma derivação da palavra “*beata*”. Neste sentido, o referido termo expressa o significado exato de felicidade para aquele filósofo. Faz-se importante esclarecer que o termo “*beata*”<sup>20</sup> é derivado da palavra “*beate*”/“*beatus*”, que significa “feliz”. Por outro lado, tem-se outro termo para felicidade: a palavra “*felix*”, que é “antônimo de *miser*; “*felix*” quer dizer que tem sorte, enquanto “*beatus*” exprime etimologicamente a ideia de que tem tudo que é necessário, que nada tem a desejar”<sup>21</sup>.

Diante do exposto, tem-se um sentido de felicidade em Agostinho que difere dos termos “acaso” ou “sorte”. Portanto, a felicidade, para a filosofia agostiniana, é caracterizada pela plenitude da *beata vita* (vida feliz).

O termo “*beata/beatitudo*” ao qual Agostinho faz referência à felicidade é totalmente diferente do outro tipo de felicidade vista como acaso ou sorte. Para este último tipo de felicidade tem-se o termo “*felix/felicitas*”, que significa: “Com sorte, favorecido pelos deuses”; “felicidade, boa sorte”; “a Felicidade (deusa)”<sup>22</sup>. O tipo de felicidade conceituado por Santo Agostinho propõe sua aquisição a partir de um querer humano que busca a verdade, não sendo concedida por um querer divino dos deuses que lançam sorte sobre a vida do homem, como trata o termo “*felicitas*”.

A felicidade agostiniana (*beata/beatitudo*) passa pelo crivo de um agir corretamente segundo a sabedoria do alto, que é dada por Deus. Ela é concedida àqueles que sabiamente a buscam, e não é concedida àqueles que vivem em prol da sorte do acaso ou na ignorância. Na obra *A Cidade de Deus*, Agostinho comenta da felicidade como uma recompensa da virtude, sendo ela um dom dado por Deus”<sup>23</sup>.

<sup>19</sup> *De beata vita* é o título original da obra escrita por Santo Agostinho (em latim).

<sup>20</sup> “Beata”: termo em latim que significa feliz. A palavra “beata” possui também variações, como, por exemplo, a derivação “Beatitudo” (felicidade).

<sup>21</sup> *Dicionário de Latim – Português*. 2ª edição. Porto, Portugal: Revista e actualizada pelo Departamento de Dicionários da Editora Porto, 2001.

<sup>22</sup> *-Dicionário de Latim – Português*. 2ª edição. Porto, Portugal: Revista e actualizada pelo Departamento de Dicionários da Editora Porto, 2001.

<sup>23</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Volume I. 2. Ed. Lisboa, Portugal: Edição da Fundação Caluste Gulbenkian, 1996; p. 423 (Livro III, XXI)

Contraopondo a visão pagã – que tinha a felicidade como uma deusa ou sorte do acaso –, para Agostinho, a felicidade seria uma espécie de dádiva (dom) dado por Deus, a partir das práticas virtuosas do homem.

### 1.3 A relação da felicidade com a alma

Na filosofia agostiniana, a concepção do homem segue uma linha platônica<sup>24</sup> e apresenta o ser humano como um ser de corpo e alma<sup>25</sup>. Por outro lado, é importante evidenciar que a felicidade está fortemente imbricada por um teor espiritual que está presente na alma. Portanto, tratar sobre a felicidade é falar sobre os anseios manifestados na interioridade da alma humana.

Apesar da apresentação do homem como um ser composto de corpo e alma, Agostinho hierarquizou a alma como algo superior ao corpo. E diferente do platonismo e maniqueísmo que via o corpo (matéria) como algo negativo, Santo Agostinho tinha o corpo como algo positivo, mas inferior à alma.

“Portanto, apesar de considerar o corpo (matéria) como parte inferior do homem, Agostinho contrariamente aos maniqueus e aos filósofos antigos, principalmente Plotino, não considera o corpo como um mal.” (COSTA, 2012, p. 68)

Considerando que tanto o corpo como a alma possuem desejos e que esta última está hierarquicamente acima da primeira, a questão da felicidade, para Agostinho, terá um aspecto ligado à plenitude e à satisfação dos desejos da alma. Para Agostinho, o homem possui um desejo que necessita ser suprido; porém, o saciar do desejo humano não pode ser dado com bens corpóreos. O desejo humano que clama a plena felicidade somente pode ser saciado por uma via que transcende a materialidade dos cosmos.

---

<sup>24</sup> Sobre a concepção do homem, no livro *As 10 lições sobre Santo Agostinho*, Marcos Roberto Nunes Costa (2016, p. 66) comenta: “[...] mantendo-se na linha do platonismo, do qual recebeu grande influência através dos neoplatônicos, especialmente de Plotino”.

<sup>25</sup> A concepção agostiniana apresenta o homem como um ser composto de duas partes: corpo e alma. Esta última parte (a alma) está, hierarquicamente, acima do corpo. O pensamento de Agostinho teve certa influência do neoplatonismo que também considerava a alma como algo superior ao corpo. É importante destacar que o pensamento do bispo de Hipona diverge do neoplatonismo, em especial de Plotino, que considerava a corpo (matéria) como algo mal. Para Agostinho, o corpo (matéria) é considerado como algo bom porque faz parte da criação divina que não cria nenhum objeto mal.

Para explicar a questão em torno da felicidade, tal como a satisfação dos desejos do homem, Santo Agostinho buscou classificar o homem como um ser composto de corpo e alma. Desta maneira afirmará que: “[...] não pode existir homem algum sem corpo e alma”<sup>26</sup>. Posteriormente, no decorrer do diálogo *A vida feliz*, o filósofo deixa claro que tanto o corpo quanto a alma necessitam de alimentação. Logo, o corpo deve ser corretamente alimentado, pois, sem alimento, o corpo definha<sup>27</sup>. De modo semelhante é a alma, uma vez que esta, sem o seu devido alimento, também definha.

Durante diálogo *A vida feliz*, quando do tratamento do corpo e da alma, surge um questionamento sobre qual seria o alimento da alma? Mônica, a mãe de Agostinho, responde que os alimentos são: “[...] o conhecimento das coisas e a ciência”<sup>28</sup>. Posteriormente, dando continuidade a tal raciocínio, Agostinho observa que os homens sábios seriam aqueles que alimentam a alma com o seu devido alimento e, assim, vivem bem, diferente daqueles que não alimentam corretamente a alma e vivem mal devido à cegueira de sua ignorância.

Entre os homens que alimentam corretamente a alma e aqueles que não a alimentam de um modo correto, é possível encontrar uma espécie de dualidade entre a virtude e o vício. Em outras palavras, aqueles que nutrem corretamente sua alma vivem na sabedoria, pois agem de maneira virtuosa e temperada; já aqueles ignorantes que não nutrem corretamente sua alma vivem uma espécie de vida viciosa, pois agem na intemperança.

A respeito daqueles que vivem na ignorância, Santo Agostinho menciona: “[...] o espírito ignorante está impregnado de doenças provenientes de suas carências”<sup>29</sup>; por isso, aqueles que não saciam a fome que a alma requer colaboram para que sua alma defina e adoça. Tal ação se dá de modo semelhante com o corpo, pois, um corpo sem a devida alimentação perece e adocece. Portanto, o necessário é que tanto o corpo quanto a alma sejam devidamente nutridos.

Certamente existe uma relação harmônica entre o corpo e a alma. Neste aspecto, tanto a alma precisa do corpo, quanto o corpo precisa da alma. Em outras

---

<sup>26</sup> *A vida feliz*. II,7. (p.125)

<sup>27</sup> *A vida feliz*. II,7. (p. 125) “[...] todos sabem que os corpos vivos, sejam quais forem, definham sem o alimento”.

<sup>28</sup> *A vida feliz*. II,8. P. 126

<sup>29</sup> *A vida feliz*. II,8. P. 126

palavras, para que o homem, de fato, exista como um ser que vive, é preciso que ele possua conjuntamente corpo e alma:

“Não podemos denominar o homem nem só pela alma, nem só pelo corpo: é grande verdade não ser todo homem a alma do homem, mas sua parte superior, nem seu corpo todo o homem, mas sua parte inferior” (De Civ. Dei, XIII, 24). Ou seja, mesmo que a alma seja uma substância superior, ela necessita de um corpo para com, ele formar uma substância completa: o homem.” (COSTA, 2012, p. 68)

Apesar da relação harmônica entre o corpo e a alma, Agostinho aponta certa prevalência da alma em relação ao corpo, pois, a alma (*anima*) funciona como uma espécie de princípio animador do corpo, dando vida e movimento a este.<sup>30</sup> Assim, o homem que quer viver uma vida feliz não poderia se realizar com algo inferior a si mesmo, pois, como afirma Étienne Gilson: “O que há de melhor para o homem não pode ser inferior ao homem, pois querer o que é inferior é diminuir-se”.<sup>31</sup> O filósofo de Hipona aponta que a felicidade (beatitude) é provinda de algo maior (Deus); portanto, o homem não logrará a vida feliz em si mesmo e tampouco nas coisas criadas – que são inferiores.

“Para nutrir-se do alimento salutar é necessário que a alma deseje este alimento, sendo que este desejo deve ser superior ao apetite do corpo. Mesmo porque, o bem a ser possuído pela alma não pode ser perecível, pois isto significaria permanecer numa condição famélica, destemida e infeliz. Com isto, Agostinho pode agora introduzir a questão sobre o verdadeiro bem que de fato pode conceder a beatitude à alma” (SILVA, 2015, p.52)

Em meio à predileção da alma em relação ao corpo, é necessário que o homem volte mais atenção para o saciar dos desejos da alma do que para os anseios do desejo do corpo, uma vez que o corpo possui desejos inferiores ao da alma e é somente com a satisfação dos desejos superiores que o ser humano logrará a felicidade almejada. Caso ocorra o fato do homem não saciar os desejos de sua alma,

---

<sup>30</sup> Josadaque Martins Silva afirma: “[...] no *De beata vita (A vida feliz)* a concepção de alma (*anima*) é vida e, portanto, o princípio animador do corpo”; *Felicidade, Vontade e Medida*. O dinamismo da Vida Feliz segundo santo Agostinho. Ed. Juruá, 2015. (p.50)

<sup>31</sup>ÉTIENNE, Gilson. *Introdução ao pensamento de Santo Agostinho*. São Paulo: Editora Paulus, 2007. (p. 23)

acabará deixando-a faminta; logo, colherá a infelicidade – algo que é oposto a felicidade que sua alma tanto almejava.

Segundo o pensamento de Agostinho, a felicidade reside no conhecimento verdadeiro que se faz presente na alma. Portanto possuir esta felicidade é ter a posse da verdade que é Deus: um bem imutável. Somente a posse deste bem (perene) deleitará por completo os desejos da alma humana:

“A felicidade está centrada no conhecimento da verdade na interioridade da alma. Conhecimento que, ao mesmo tempo, é posse e gozo de Deus: “feliz quem possui Deus”. A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se em Deus, a verdade infinita, nosso Bem Supremo e Imutável.<sup>32</sup>”  
(FRANGIOTTI, 1998, P.115)

A felicidade é o repouso dos desejos da alma em algo pleno. É no interior da alma que o homem encontra a verdade felicidade. Assim, a vida feliz é encontrada dissociada da externalidade das coisas e conexa à interioridade da alma.

Por fim, a felicidade é este bem imutável que é alcançado com a posse da verdade interior – que é Deus.

#### **1.4 A universalidade do desejo da felicidade**

A questão acerca da felicidade é algo que tem suscitado nos homens grande interesse de discussão. Todos fortemente anseiam encontrar a felicidade. Entretanto, cada qual a busca conforme seu entendimento e modo. Assim, desde a História Antiga até os dias atuais tem-se certa subjetividade no entendimento da palavra “felicidade”. Possivelmente, por este motivo, é possível encontrar diversas concepções e visões sobre o mesmo termo.

A felicidade, como alvo do desejo humano, é um objeto bastante comum no discurso entre os homens. Esta questão é objeto de discussão nas mais diferentes áreas de conhecimento, quais sejam: religião, Psicologia, Sociologia, Ciências Sociais, Filosofia, não havendo convenção precisa sobre o assunto. Na Filosofia, por exemplo, tem-se vasta divergência de pensamento sobre o que é felicidade e o que pode ser feito para alcançá-la.

---

<sup>32</sup> Nota de introdução de Roque Frangiotti em *A vida feliz* (p.115)

Apesar da distinção conceitual no que concerne ao entendimento dado pelo senso comum, a felicidade poder ser vista como um grande estado de satisfação. O acesso a tal estado é o imenso desejo que reside no coração humano. Assim, a felicidade torna algo universalmente desejado pelos homens. Neste sentido, Agostinho aponta em *Confissões*: “Todos, absolutamente todos, querem ser felizes”<sup>33</sup> por outro lado, ainda que o homem divirja do comportamento de outra pessoa em uma mesma situação, ambos querem unanimemente ser felizes. E ainda:

“Se perguntarmos a dois homens se querem alistar-se no exército, é possível que um responda que sim, o outro que não. Porém, se perguntarmos se querem ser felizes, ambos dizem logo sem hesitação, que sim, que o desejam, porque tanto o que quer ser militar como o que não quer têm um só fim em vista: o serem felizes. Opta um por um emprego, e outro por outro. Mas ambos são unânimes em quererem ser felizes [...] ainda que um siga por um caminho e outro por outro, esforçam-se por chegar a um só fim que é se alegrarem-se<sup>34</sup>. (AGOSTINHO,2012, P. 254)

Em torno deste desejo unânime, percebe-se que o desejo de ser feliz é uma finalidade última da ação humana. Logo, todo homem tende a buscar em sua ação a satisfação do seu desejo de felicidade. Assim, considerando o caso de todos homens quererem ser felizes; no homem, não poderia ser encontrado uma ação sóbria que intencionasse contra sua própria felicidade. Isto porque o homem querendo ser feliz, intencionalmente, não faria algo contra sua felicidade. Ainda que todos os homens busquem a felicidade por meio de suas ações, a ação humana que tende para a correta felicidade deve ser guiada pela sabedoria, pois, sem sabedoria, o ser humano age na ignorância, contribuindo, de modo não intencional e ignorante, para sua infelicidade.

A felicidade, portanto, passa pelo âmbito racional do homem; porém, a sabedoria que guia o homem para o correto agir é dada pelo poder divino de Deus.

---

<sup>33</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 26. Ed. São Paulo: Editora Vozes, 2012. Citação retirada do capítulo X,21 (p. 254)

<sup>34</sup> Usada a tradução de J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina – AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 26ª edição. São Paulo: Editora Vozes, 2012.



## 1.5 A felicidade e os bens materiais

O desejo é algo que faz parte da existência humana. Por isso, todo homem, em sua vida, busca a satisfação daquilo que deseja. Para Agostinho, na alma humana, há um desejo inato que tem sede por algo maior que não pode ser satisfeito com os bens criados (bens materiais). O ser humano, como uma criatura criada por um criador infinito, carrega em seu seio um desejo de felicidade que está além do mundo sensível das criaturas.

As ideias filosóficas de Santo Agostinho sobre a felicidade ultrapassam a Antiguidade de modo reflexivo. Desta maneira, leva-se a pensar sobre o modo como os homens buscam a felicidade no século atual. Note que nos dias atuais, onde se tem um sistema capitalista que opera de modo fluente, a exacerbação pelo consumismo material é algo que, muitas vezes, escraviza os homens a buscarem a felicidade nas coisas materiais. Desta maneira, o homem, muitas vezes, cede ao consumismo desregrado e se entrega a uma espécie de prazer consumista, onde acredita que a posse de bens o tornará feliz. Neste sentido, a felicidade acaba sendo, erroneamente interpretada, pois, é vista como algo inerente ao consumismo.

Em torno desta temática que associa a felicidade aos bens materiais, feliz seria aquele que realizasse a satisfação dos seus desejos por meio da aquisição de determinados bens. Apesar de Agostinho afirmar que o homem somente é feliz possuindo o que deseja, para aquele filósofo, nem tudo que o homem deseja o tornará feliz. Por exemplo: ainda que o homem busque a satisfação desejada com a posse de riqueza (bens materiais) e, de fato, a possua, não é o caso que este homem, tendo o desejo realizado, alcance a verdadeira felicidade. A felicidade, para o filósofo de Hipona, não reside na posse de bens materiais que perecem. Em outros termos, por mais que o homem possua tudo que deseja, com a fruição dos bens materiais, não terá o seu desejo plenamente suprido, pois, o seu desejo transcende a materialidade dos bens.

“Agostinho reinscreve no horizonte a luz transcendente que fazia entender a máxima expressa por Cícero. É preciso suprir o desejo; mas suprir apenas com bens terrestres e finitos não é algo adequado à condição humana habitada por uma abertura ao infinito. É preciso saber desejar; a vontade clama por um modo ou por uma medida que a oriente. Essa medida, para

corresponder ao desejo infinito, precisa ser também infinita e transcendente ao cosmo.<sup>35</sup> ” (FILHO,2015, P.19)

Em oposição à ideia de felicidade como satisfação indiscriminada dos desejos, e à ideia de felicidade associada ao prazer dado pelo consumismo material, Agostinho apontará a felicidade como um estado pleno de satisfação, e este não pode ser dado com a posse de bens materiais, pois estes, além de perecerem, não podem satisfazer o homem por completo. Isto porque o desejo da alma humana tem sede por algo infinito e pleno. Assim, a felicidade insere, de modo inerente, ao desejo da alma. Logo, transpassa também a mera satisfação dos desejos ligados aos bens terrestres.

Os bens materiais, para Agostinho, não podem ser considerados como algo mal ou negativo, uma vez que aquilo que possui existência faz parte da criação do bom Deus. Portanto, as coisas criadas por Deus são boas. Por outro lado, os bens estão sempre sujeitos ao perecimento, pois, como coisas criadas, não possuem a plenitude de seu criador:

“Os seres são bons, mesmo sujeitos à deterioração. Se eles deterioram é porque não possuem o bem em sua plenitude. Por serem bons, procedem de Deus; por não serem plenamente bons, não são Deus. Por conseguinte, o único que não se pode deteriorar é Deus. Os demais bens procedem dele, podem se deteriorar por si mesmos, porque por sua própria procedência nada são” (AGOSTINHO,2002. P. 60)

Os bens criados, considerados como algo bom porque foram criados por Deus, não oferecem nenhuma plenitude que satisfaça o incessante desejo humano. O que, de fato, é necessário para a felicidade do homem é a satisfação com a plenitude de algo que não pereça. Ora, somente Deus que não perece pode saciar por completo a satisfação humana do desejo de ser feliz plenamente.

Em *Solilóquios* – diálogo onde Santo Agostinho interroga a si próprio, tem-se certa indagação acerca de bens materiais: “Não desejas riquezas? ”:

“Há tempo não me atraem (...) nada mais me interessa delas senão, se acontecer que eu chegue a possuí-las apenas o necessário sustento e o seu uso liberal. Um livro de Cícero facilmente me convenceu de que as riquezas

---

<sup>35</sup> Juvenal Saviani Filho (UNIFESP) no prefácio do livro *Felicidade, Vontade e Medida: O dinamismo da Vida Feliz segundo Santo Agostinho*. Curitiba: Editora Juruá, 2015.

não devem ser ambicionadas, mas sim, se advierem, devem ser administradas com muita retidão e cautela.” (AGOSTINHO, 1998, p.37)

Em vista da resposta dada em *Soliloquios*, percebe-se que Agostinho não condena os bens materiais ou a riqueza em si, mas sim, o mal que tais podem causar naqueles que depositam confiança. Por outro lado, o filósofo de Hipona deixa claro que os bens materiais devem ser obtidos, porém, com muita cautela e retidão para o seu devido uso. Sua resposta tem um caráter voltado para o que é mais importante e útil para o homem buscar a felicidade.

No pensamento de Agostinho, as coisas podem ser classificadas entre utilizar e fruir (“*uti*” e “*frui*”, respectivamente)<sup>36</sup>. Para Agostinho, as coisas criadas (os bens materiais, por exemplo) devem ser utilizadas, e não fruídas. Neste sentido, os bens materiais não podem ser objeto de fruição, pois, o que é para ser utilizado não pode ser confundido com aquilo que é para ser fruído.

“Se quisermos gozar do que se há simplesmente de usar, perturbamos nossa caminhada e algumas vezes até desviamos do caminho. Atacados pelo amor das coisas inferiores, atrasamo-nos ou alienamo-nos da posse das coisas feitas para fruirmos ao possuí-las.” (AGOSTINHO, 2002, p. 44)

O homem que deposita a confiança de sua felicidade naquilo que é para ser usado confunde o caminho da felicidade que reside na fruição do verdadeiro e sumo bem: Deus.

Como um ser espiritual, o homem é convidado a se unir naquilo que faz bem à sua alma. Portanto, ele deve amar aquilo que deve ser amado, e não se deixar possuir por aquilo que o escraviza. Neste sentido, afirma Agostinho: “A alma é convidada ao repouso, isto é, a não amar objetos os quais não poderia amar, sem penar. Pois ela poderá se tornar senhora deles. Em vez de ser possuída ela se possuirá”<sup>37</sup>. Aquilo que é para ser utilizado não traz a felicidade plena que o homem almeja. Assim, os bens materiais, quando não utilizados corretamente, trazem a infelicidade, que é inerente ao excesso ou abuso de algum determinado bem. Em contrapartida, a felicidade é encontrada na justa medida que é virtuosa e temperada. Agostinho

---

<sup>36</sup> “Uti” e “frui” são palavras do latim. A primeira significa: usar, utilizar, e a segunda significa: fruir, gozar.

<sup>37</sup> AGOSTINHO, Santo. *Verdadeira Religião*. 1. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2002; Citação retirado do capítulo 35,65 (p. 91)

observa que: “as que são objeto de fruição fazem-nos felizes”<sup>38</sup>. Portanto, o homem deve buscar saciar essa sede de felicidade na fruição daquilo que realmente lhe faz feliz.

Para Agostinho, os bens terrenos não podem trazer a paz de uma vida feliz. Por outro lado, o filósofo afirma que os bens criados, quando corretamente utilizados, podem colaborar no processo da busca por uma vida feliz. Neste sentido, ele comenta: “[...] as (coisas) que são objeto de utilização ajuda-nos a tender à felicidade e servem de apoio para chegarmos às que nos tornam felizes”<sup>39</sup>.

Apesar de admitir que os bens terrestres possam contribuir para a felicidade, Agostinho pregou que a felicidade não seria proveniente de tais bens materiais. Por isso, não ambicionava tais riquezas, mas desejava apenas o necessário para seu sustento. Afinal, ele acreditava que o seu desejo pela felicidade tinha sede de algo maior. Roque Frangiotti comenta que em torno da influência do pensamento de Cícero, Agostinho adotaria certo aspecto da filosofia estoica e epicurista a respeito dos bens materiais.

Cícero tornara-se o grande divulgador (...) do estoicismo e do epicurismo. Fundindo-os num ecletismo. Na sua obra *De finibus bonorum et malorum* e certamente no *Hortensius*, Cícero tratou frequentemente deste tema. Agostinho, adota, sem hesitação, essas ideias ao expor a atitude do sábio diante dos bens materiais, e ao fazer a felicidade consistir na razão<sup>40</sup> (FRANGIOTTI, 1998, p.113)

Influenciado pelo pensamento de Cícero, Agostinho aponta que não é a posse de bens que levará o homem a encontrar a felicidade, mas sim, o uso correto da razão. A razão é a via sensata que levaria o homem ao encontro da vida feliz, uma vez que “[...] a riqueza torna o homem insensato, pois quem quiser viver feliz deve viver segundo a razão, não segundo a riqueza”<sup>41</sup>.

Trigésio – um dos interlocutores do diálogo *A vida feliz*, propõe que um homem apossado de grandes riquezas materiais pode viver uma vida aprazível e feliz, uma vez que aparentemente nada lhe falta, conforme o que deseja. Em contrapartida, Agostinho observa que não é possível considerar que o homem, dotado de riquezas

<sup>38</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. Citação retirada do Livro I, Capítulo 3 (p. 43)

<sup>39</sup> *A Doutrina Cristã*. Livro I, Capítulo 3. (p. 43)

<sup>40</sup> Nota de introdução de Roque Frangiotti – *A vida feliz*. (p.113)

<sup>41</sup> Nota de introdução de Roque Frangiotti – *A vida feliz*. (p.113)

materiais, alcançará, de fato, a felicidade. Isto porque esta não é alcançada com a posse de bens corruptíveis, mas sim, com a posse de um bem permanente que não possa ser retirado. Para Santo Agostinho, os bens materiais não trazem uma paz estável ao coração humano, ao indagar: “[...] achas que pode ser feliz o homem sujeito a receios?”<sup>42</sup>.

Em realidade, o ser humano que possui imensa riqueza vive no receio de perder tudo que ama, ou seja, o receio não traz uma felicidade segura. Tal fato se dá porque o homem deposita a confiança de sua felicidade em bens que se corrompem. Acerca disso, Agostinho afirma: “[...] ora, todos estes bens sujeitos à mudança podem vir a ser perdidos. Por conseguinte, aquele que os ama e possui não pode ser feliz de modo absoluto”<sup>43</sup>.

Agostinho de Hipona traz um aspecto moderado diante dos bens materiais, pois, ele deseja apenas o necessário, e, assim, não deseja riqueza de bens quando faz uso da suprema razão como guia necessário para alcançar a felicidade. De modo semelhante, o pensamento estoico tinha a razão como uma espécie de guia ascendente à felicidade; ou seja, a razão deve estar acima do acúmulo de bens na busca incessante do ser humano pela vida feliz.

“O excesso e acúmulo de bens, isto é, aquilo que ultrapassa o necessário para ter uma vida simples, ou ainda o luxo, isto é o que atrapalha. Sêneca lamenta que os homens tenham perdido o que ele chama “um natural senso de medida, a medida, a moderação, que estabelecia o necessário como limite dos desejos” em outro lugar escreve “Feliz é aquele que é livre, liberto dos desejos e temores, graças a sua razão.”<sup>44</sup> ” (HOFFMANN, 2004, p.59)

Um dos princípios que rege a felicidade – a razão – foi encontrado em correntes filosóficas como o estoicismo e o epicurismo. Assim, “[...] para Epicuro, assim como para os estoicos a Filosofia deve nos ensinar a ser felizes”<sup>45</sup>, e é justamente o papel racional do filosofar que mune o ser humano de sabedoria e possibilita que este alcance a vida feliz, uma vez que, sem o uso da razão, não é possível alcançar a

---

<sup>42</sup> *A vida feliz*. Capítulo II, 11 (p.130)

<sup>43</sup> *A vida feliz*. Capítulo II, 11 (p.130)

<sup>44</sup> Comentário de Edgar Hoffmann – Livro: *A Filosofia e a Felicidade*. Santa Cruz do Sul –RS: Editora EDUNISC,2004. Suzana Guerra Albornoz (org.)

<sup>45</sup> Trecho do comentário de Jorge Alberto Molina no livro: *A Filosofia e a felicidade* (p.43) livro organizado por Suzana Guerra Albornoz.

felicidade. Portanto, o exercício da razão se faz necessário para que o homem seja feliz.

Na obra *A cidade de Deus*, Agostinho assevera: “[...] não há razão para o homem filosofar senão para que seja feliz; e o que faz com que este seja feliz é o fim bom; não há, por conseguinte, nenhuma causa para filosofar, salvo a meta do bem”<sup>46</sup>. Considerando isto, percebe-se que a Filosofia exerce um papel essencial para o viver e agir bem, ou seja, o filosofar faz parte desta busca do ser feliz.

Sobre a questão, Marcos Robertos Nunes Costa afirma: “Para Agostinho, o filósofo procura a verdade, não simplesmente para ser sábio, mas para ser feliz [...]”<sup>47</sup>. Assim, a Filosofia acaba desempenhando um papel importante na busca do homem pela felicidade.

Para que o homem alcance a felicidade, ele deve viver sabiamente e não depositar sua confiança em um bem que perece, mas sim, depositar confiança em um bem perene, pois como afirma Santo Agostinho: “O homem bom nem se envaidece com os bens temporais, nem se deixa abater com os males. Pelo contrário, o homem mau sofre na infelicidade, porque se corrompe na felicidade”<sup>48</sup>.

## 1.6 A relação entre a felicidade e o desejo

A questão do desejo na Filosofia de Santo Agostinho é voltada para a interioridade do homem que busca a felicidade. O desejo pode ser visto como uma via que leva o homem à verdadeira felicidade. Por outro lado, ainda que o desejo, em geral, intencione a felicidade, há certos desejos que não contribuem para o alcance da vida feliz. Portanto, o homem deve administrar corretamente seus desejos, direcionando-os para a verdadeira felicidade.

O desejo de o homem ser feliz, tal como o desejo de ter a completude dos seus desejos satisfeitos, é algo inerente à interioridade da alma humana. Todo homem tem sede de ter os seus desejos saciados. O homem, sendo um ser composto de corpo e alma, certamente possui desejos ligados ao seu corpo e à sua alma. Neste sentido,

---

<sup>46</sup> Marcos Roberto Nunes Costa (2012, p.19) cita trecho da obra de Santo Agostinho: *A cidade de Deus*. XIX, 1,3.

<sup>47</sup> Marcos Roberto Nunes Costa. 10 lições sobre santo Agostinho 4. Ed. São Paulo: Editora Vozes, 2016; Citação (P.21)

<sup>48</sup> *A Cidade de Deus*. Livro I, Capítulo VIII (p. 118)

ele possui duas espécies de desejo, quais sejam: 1) aquela ligada às paixões corpóreas; e, 2) aquela ligada à espiritualidade da alma.

Para Agostinho, o verdadeiro desejo de felicidade que deve ser satisfeito reside no interior da alma do homem. Este desejo é aquele que leva o homem a buscar a plenitude de uma vida feliz. Portanto, este desejo tende a se saciar por completo com a posse e o encontro com seu Criador divino.

Na época de sua adolescência, Agostinho não tinha aquela visão da felicidade associada à satisfação do desejo da alma. Em *Confissões*, o bispo de Hipona admite que viveu de maneira desregrada e buscou satisfazer desejos baixos que destruíam a sua alma:

“Desde a adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como um animal a vários e tenebrosos amores! Desgastou-se a beleza da minha alma e apodreci aos teus olhos, enquanto agradava a mim mesmo e procurava ser agradável aos homens.<sup>49</sup>”  
(AGOSTINHO, 1997, p. 49)

Para Agostinho, os desejos desregrados que eram vividos segundo suas paixões terrenas não o levariam ao alcance da almejada felicidade. Neste aspecto, admitiu que sua entrega desvirtuada aos desejos terrenos (das coisas criadas) fez dele uma espécie de animal que agia sem controle. Assim, no lugar de viver espiritualmente conforme as orientações divinas, vivia apenas de acordo com o agrado próprio, buscando agradar aos homens.

Após sua conversão, Santo Agostinho encarou os prazeres terrenos como algo secundário em relação aos desejos espirituais (presente na alma). Assim, passou a considerar que o apego aos prazeres terrenos não colaboravam para elevação espiritual do homem. Por isto propôs uma espécie de ascetismo<sup>50</sup> que levasse o homem a se desprender dos desejos pelas coisas da terra, para se elevar para as coisas celestes (espirituais).

Em realidade, um dos pontos centrais que permeará a questão do desejo e a felicidade pode ser encontrado no diálogo *De beata vita*, onde Agostinho questiona:

<sup>49</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 1 Ed. São Paulo: Editora Paulus, 1997. (Livro II, 1)

<sup>50</sup> É importante destacar que o termo “ascetismo” não é citado por Santo Agostinho em suas obras, entretanto o que o bispo de Hipona propõe é uma espécie de comportamento ascético para aquele que busca a verdadeira felicidade. Em *Agostinho de Hipona – Ensaio sobre Deus, liberdade e comunidade*. (P.222) Nilo César Batista da Silva aponta que o ascetismo já existia na Filosofia grega como instrumento para alcançar uma vida sábia. Posterior a isso, Agostinho cristianizou e reformulou o ascetismo, dado pelos gregos, como algo que levaria o homem a felicidade.

“Quem não tem o que quer é feliz?”<sup>51</sup> É praticamente em torno de tal questionamento que será dada a problemática da felicidade. Assim, a felicidade está fortemente associada aos desejos e à vontade existente no coração do homem. Portanto, tratar sobre a questão da felicidade é tratar sobre os desejos pertencentes ao homem.

Em *Soliloquios*, quando Agostinho interroga a si mesmo sobre os desejos e prazeres ligado ao corpo, ele responde: “[...] não me pergunte nada sobre comida e bebida, ou de banhos ou outros prazeres do corpo. Desejo essas coisas apenas à medida que possam contribuir para a saúde”<sup>52</sup>. Assim, o bispo de Hipona não condena o desejo ou prazer em si, mas condena o desejo e o prazer alimentado por uma via intemperada ou não sábia.

Vale destacar que o homem, na visão de Agostinho, deseja coisas que nem sempre convém e não são benéficas para sua vida. Assim, o ato de encontrar prazer em algo não é condição necessária para que o homem viva bem e alcance a felicidade. Para que o homem alcance a felicidade, é necessário que saiba o que desejar, e tal saber é dado por um intermédio divino, que serve como guia condutor para a ação correta dos desejos.

Desta maneira, a busca da felicidade não é estar fadado a obedecer obrigatoriamente aos desejos do corpo, mas sim, satisfazê-los em uma medida justa e apropriada. Portanto, agir com sabedoria e ser feliz não é satisfazer todos os desejos.

A sabedoria, isto é, o fruto da Filosofia, é algo proporcionado pela busca de uma vida plena daquilo que realmente apetece a alma. Portanto, buscar alcançar a vida feliz é viver segundo a virtude, pois, como Santo Agostinho menciona: “[...] a virtude abarca tudo o que se deve fazer e a felicidade tudo o que se deve desejar”<sup>53</sup>. Assim, poderia ser dito que a ação humana deve se orientar segundo a virtude, enquanto os desejos dos homens devem ser inerentes ao que realmente traz felicidade.

No diálogo *A vida feliz*, é possível notar que o desejo é algo que permeia a questão da felicidade. Aqui, Agostinho questiona se seria possível o homem ser feliz sem possuir o que deseja. Seus interlocutores respondem que não seria possível o

---

<sup>51</sup> *A Vida feliz*. Capítulo II,10. (p.128)

<sup>52</sup> *Soliloquios*. Capítulo X,17. (p.38)

<sup>53</sup> Cidade de Deus. Livro IV, Capítulo XXI. (p.421)



homem ser feliz sem ter o que se deseja. Logo, o ser humano seria feliz se possuísse o que desejasse.

Considerando certa associação do desejo com a felicidade, Agostinho faz outro questionamento a seus interlocutores: “[...] mas então, quem tem o que quer é feliz?”<sup>54</sup> sua mãe, Mônica, responde: “Sim, se for o bem que ele apetece e possui, será feliz. Mas, se forem coisas más, ainda que as possua, será desgraçado”<sup>55</sup>. Diante da resposta, é percebido que a felicidade passa por um desejar que deve ser satisfeito; entretanto, nem todo desejar deve ser saciado, pois, nem todos os desejos colaboram com a felicidade humana.

Não é o fato do homem possuir o que deseja que o tornará feliz, pois: “[...] certamente que se não é feliz pelo simples facto de que se goza do que se ama, (muitos de facto são infelizes por amarem o que não deviam amar e mais infelizes ainda por dele gozarem)”<sup>56</sup>. Neste aspecto, o desejar o que possui pode ser uma armadilha contra a própria felicidade do indivíduo, pois, certa vez que um desejo inconveniente é realizado, pode trazer grande mal e infelicidade. Neste sentido, o próprio Santo Agostinho menciona Cícero: “[...] porque não há desgraça pior do que querer o que não convém”<sup>57</sup>. Portanto, o homem deve saber guiar os seus desejos para algo que realmente convenha. Do contrário, se o homem não souber guiar corretamente seus desejos e desejar algo que não é conveniente, será preferível que ele não obtenha o que deseja, pois será menos infeliz não possuindo o que deseja. Neste sentido Agostinho aponta:

“ [...] não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos infeliz por não conseguires o que queres, do que ambicionar obter algo conveniente. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens”<sup>58</sup> ( AGOSTINHO, 1998, p.128)

O desejo é algo que está fortemente presente na vida humana. Portanto, ele deve ser corretamente administrado para que o homem deseje aquilo que

---

<sup>54</sup> A *vida feliz* II,10 (p.128)

<sup>55</sup> A *vida feliz* II,10 (p.128)

<sup>56</sup> A *Cidade de Deus*. Livro VIII, Capítulo VIII (p.724)

<sup>57</sup> A *vida feliz*. Capítulo II, X. Santo Agostinho cita Cícero. (p.128)

<sup>58</sup> A *vida feliz*. Capítulo II, X. Continuidade da citação de Cícero. (p.128)

contribua para a construção de uma vida feliz. E ainda, o desejo e a satisfação de saciá-lo trabalham de modo interligados em um processo construtivo da felicidade. Para Étienne Gilson, a questão da felicidade deve ser trabalhada em torno de um correto desejar: “O problema da beatitude (felicidade), portanto, consiste em saber o que o homem deve desejar para ser feliz e como pode adquiri-lo”<sup>59</sup>. Assim, a solução para a problemática da felicidade giraria em torno da sabedoria que deveria guiar os desejos humanos em prol de sua felicidade.

Na visão agostiniana, a verdadeira felicidade reside na interioridade da alma humana. Logo, o homem deve buscar a vida feliz no interior de sua alma, pois, é aí que está impresso o desejo espiritual pelo sumo bem (Deus). A sede do homem ser feliz é um desejo por algo que o satisfaça plenamente. Ora, para Agostinho, somente Deus é pleno. Portanto, o homem deve direcionar corretamente seus desejos para alcançar a vida feliz.

“Desejar a vida feliz significa antes desejar Deus e conduzir o olhar da alma de degrau por degrau em direção ao essencial. Conforme o esforço da alma para ascender a cada degrau, Agostinho propõe, para o nível mais elevado de ascese [...] uma espécie de fenomenologia do olhar da própria alma em direção a si mesma para identificar o essencial –Deus”<sup>60</sup> (SILVA, Nilo, 2014, p. 225)

## Capítulo 2 – EM BUSCA DA FELICIDADE

A vida de Santo Agostinho, marcada pelo esforço de encontrar uma verdade segura, teve como norte a busca pelo amparo e pela segurança na supremacia daquele sumo bem que não perece. Neste aspecto, a procura do homem pela felicidade acaba sendo associada a uma busca por aquilo que pode ser melhor oferecido: o sumo bem, que é imutável e incorrupto.<sup>61</sup>

<sup>59</sup> Introdução ao estudo de santo Agostinho. Étienne Gilson. (p.19)

<sup>60</sup> Comentário de Nilo César Batista da Silva no livro: Agostinho de Hipona: Ensaio sobre Deus, liberdade e comunidade. Luís Evandro Hinrichsen e Paula Oliveira Silva ( Orgs.)

<sup>61</sup> Agostinho assevera que o melhor bem a ser buscado é aquele que é incorruptível: “Assim me esforçava por encontrar as outras verdades, do mesmo modo que já tinha descoberto ser melhor o incorruptível que o corruptível. Por conseguinte, confessava que Vós, quem quer que fôsseis, não estais sujeito à corrupção. Jamais alma alguma pôde ou poderá conceber alguma coisa melhor do que Vós – sumo e ótimo bem” Confissões. Livro VII,4 (Editora Vozes, 2012, p.151)

## 2.1 A busca pela felicidade

A busca pela felicidade, vista como algo universal, é uma questão que motiva grande especulação entre os homens. O bispo de Hipona tratou da questão em suas obras, especificamente no livro X de *Confissões*, onde questiona sobre onde encontrar Deus, e acaba associando este à felicidade: “[...] como devo procurar-te, senhor? Quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida. Procurar-te-ei para que minha alma viva. O meu corpo, com efeito, vive da alma, e a alma vive de ti”<sup>62</sup>.

Na asserção supramencionada é possível perceber que Agostinho aponta os dois importantes elementos que participam da formação do homem, a saber: 1) o corpo; e, 2) a alma. Neste sentido, no que concerne a felicidade, pode ser dito que a importância e o desejo da alma estão acima dos desejos do corpo<sup>63</sup>. Portanto, para que o ser humano viva plenamente feliz, é necessário que ele busque o verdadeiro e sumo bem, que saciará por completo os anseios de sua alma.

De fato, o desejo que fosse proveniente da sabedoria interior não poderia tornar o homem infeliz, pois, contra o sábio não ocorre insatisfações. Neste sentido, Agostinho comenta: “[...] como poderia ser infeliz aquele que nada acontece contra a sua vontade? Pois ele não chega a desejar o que vê ser irrealizável. Sua vontade dirige-se somente a coisas possíveis?”<sup>64</sup>

Pode-se afirmar, portanto, que a busca pela felicidade está inserida na sabedoria de como o homem conduz seus desejos. Logo, o homem sábio somente deseja apenas o conveniente para sua felicidade; portanto, vive bem de acordo com seu desejo provindo da verdade interior.

Por outro lado, ainda que o sábio careça de determinados bens (materiais), sua felicidade não será abalada, pois, ela tem ela está embasada no sumo bem (Deus), que não passa e é suficiente. Neste sentido, Étienne Gilson afirma: “Pode-se carecer de muitas coisas sem perder a felicidade, pois a beatitude é um bem do espírito que

---

<sup>62</sup> *Confissões*. Livro X, 29. (Editora Paulus)

<sup>63</sup> A satisfação dos desejos e das paixões do corpo não leva à felicidade plena (beatitude), pois, os desejos ligados ao corpo se predem a coisas que perecem. Por outro lado, a alma tem sede de algo imutável e desejada felicidade plena. A satisfação dos desejos da alma é dada com o encontro da verdade imutável (Deus: aquele que é a verdade – felicidade que não perece)

<sup>64</sup> *A vida feliz*. IV, 25.

a perda de todos bens materiais não poderia comprometer em nada”<sup>65</sup>. Assim, procurar a felicidade é buscar a posse de algo que sacia completamente os desejos da alma humana.

A busca do homem pela felicidade consiste em satisfazer determinado desejo que possa realmente ser suprido. Sobre a questão, Santo Agostinho comenta que homem deve procurar “um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. Ora, não podemos adquirir à nossa vontade, tampouco conservar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro”<sup>66</sup>

Para o Agostinho, o homem deve depositar confiança e desejo em algo que não se perde, pois, aquilo que parece não pode corresponder de modo pleno às satisfações do coração humano. Portanto, o homem deve buscar algo que seja permanente e estável. Neste sentido, a busca por uma felicidade segura “[...] converte-se na busca de Deus, o único que pode dar-lhe estabilidade.”<sup>67</sup>.

## **2.2 A interioridade e a felicidade**

O desejo de Santo Agostinho encontrar uma verdade segura que lhe trouxesse a paz de uma vida feliz não poderia ser encontrado na externalidade das coisas perecíveis que o cercavam, mas sim, na interioridade da alma que não perece.

Para o bispo de Hipona, o homem não deve se apegar aos bens corpóreos, mas sim, voltar-se para a interioridade do seu ser (alma), encontrando, assim, a verdade. Tal pensamento se assemelha ao aforismo platônico, que diz: “[...] conhece a ti mesmo”<sup>68</sup>. Para Platão, o conhecer a si mesmo seria dado por aquele que voltasse para a interioridade da alma – “lugar” onde reside o verdadeiro e perfeito conhecimento.

Portanto, aquele que busca encontrar a verdadeira felicidade deve voltar-se para o interior de sua alma. A perseguição da interioridade pelo ser humano seria basicamente uma ação ofertada por intermédio de uma acesse espiritual, onde o homem desprenderia dos prazeres sensoriais ligados ao universo material, para se

---

<sup>65</sup>GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*, p.21

<sup>66</sup> *A vida feliz*. II,11 (p. 129)

<sup>67</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. *10 Lições sobre santo Agostinho*. P.21

<sup>68</sup> Esta máxima é uma referência ao Oráculo de Delfos, ela foi utilizada por Platão através do personagem Sócrates.

e levar ao universo espiritual de sua alma<sup>69</sup>. O próprio Agostinho admite em *Confissões* que, durante certo tempo de sua vida, erroneamente, procurou a verdade e paz na fugacidade das coisas externas (terrenas).<sup>70</sup> Enquanto isso, a verdade e a paz seriam encontradas no interior de sua alma.

Portanto, aquela busca pela vida feliz – algo desejado por todos os homens – deve ser desdobrada em um processo voltado para a interioridade da alma, pois, é aí que habita a verdade – felicidade. A associação da felicidade à verdade e à interioridade, para Agostinho, se dá em uma espécie de ética que propõe o ideal ascético como uma espécie de via que guiará o homem para a felicidade.

“Agostinho deseja procurar Deus no interior de sua alma como quem sabe e ama o que procura. Visto que é o amor é o que há de mais profundo no ser humano, somente através dele podemos chegar a *beata vita*. Para explicar corretamente os degraus que a alma deve seguir para já vivenciar na vida terrena a felicidade Agostinho desenvolve uma doutrina ético-moral e ascética, a saber, a doutrina da moral interior, não obstante, a beatitude poderá ser desejada na medida em que a amamos propriamente em dignidade. (SILVA<sup>71</sup>, 2014, p. 224)

O bispo de Hipona chegou a admitir que não era possível encontrar segurança e perenidade nos bens externos, uma vez que passou a acreditar que a verdade e a paz interior de uma vida feliz residiria na interioridade do seu ser (alma). Além de Santo Agostinho admitir que a verdade habitasse na interioridade do homem, os sentidos captados pelo corpo não poderiam ofertar uma felicidade perfeita; poderiam sim enganar o homem em relação à verdade. Santo Agostinho afirma: “[...] que a verdade não se capta com os olhos do corpo, mas com a mente purificada. Toda alma, tendo-a encontrado, pode se tornar feliz e perfeita”<sup>72</sup>. Assim, a busca agostiniana pela verdade transcende o mundo visível dos cosmos, habitando, de modo intelectual e racional, no interior da alma humana:

<sup>69</sup> Para Platão, a verdade e o genuíno conhecimento vem da interioridade da alma e não da externalidade corpórea.

<sup>70</sup> Em *Confissões* III,8, Agostinho aborda seu apego às coisas terrenas: “Como eu ardia, ó meu Deus, em desejos de voar para ti, abandonando as coisas terrenas!” (Editora Paulus)

<sup>71</sup> Comentário de Nilo César Silva no livro *Agostinho de Hipona: Ensaio sobre Deus, liberdade e comunidade*.

<sup>72</sup> *A verdadeiro Religião*. Capítulo III (p.28)

“Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão”<sup>73</sup> (AGOSTINHO,2002, p.98)

Segundo Marcos Roberto Nunes Costa<sup>74</sup>: “[...] essa verdade/felicidade encontra-se no próprio homem, na sua interioridade, não em um sentido panteístico, mas como imanência/transcendência, quando Deus revela-se ao homem enquanto Verdade”.<sup>75</sup> Portanto, é na alma que reside a atividade intelectual e racional que pode levar o homem a se encontrar com a verdade, que é o próprio Deus. Neste sentido, o encontro do homem com Deus é dado na interioridade da alma pelo intermédio da racionalidade que transcende o mundo material.

De fato, tratar sobre a questão da interioridade em Agostinho é voltar-se para um determinado conhecimento metafísico onde a verdade somente pode ser conhecida e encontrada por um viés no interior da alma. Apesar de tal conhecimento residir na interioridade da alma que intelectivamente raciocina, ele, por si somente, não funciona, pois depende do esclarecimento da própria razão (*logos*), que é Deus.

A razão em conexão com a alma leva o homem ao verdadeiro conhecimento que reside em seu interior. Neste processo de interioridade, a razão iluminada pelo divino leva o homem ao conhecimento da verdade, pois: “Deus é a própria luz interior que ilumina a razão, capacitando-a a enxergar as verdades inteligíveis dentro e fora de si.”<sup>76</sup> Assim, encontra-se a verdade, que é Deus, revelando-se ao homem como uma razão que conduz a inteligibilidade humana para o conhecimento que transcende o mundo sensível.

“É luz que esse misterioso sol irradia em nossos olhos interiores. E é dele que procede tudo o que proferimos de verdadeiro, ainda que tenhamos volver para ele nossos olhos ainda doentios ou recém-abertos, e de fixarmos face a face.

<sup>73</sup> Citação do livro *A verdadeira Religião*. (Capítulo 39)

<sup>74</sup> É doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ex-presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia (2003-2011), professor com especialidade na área de pesquisa em Filosofia Medieval e Santo Agostinho.

<sup>75</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. *10 lições sobre Santo Agostinho*. (p.25)

<sup>76</sup> FERNANDA, Maria Imaculada Azevedo. *Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona*. Sapiencia PUCSP, 2007. P.10.

Esse sol revela-se a nós como sendo o próprio Deus, ser perfeito sem nenhuma imperfeição a diminuí-lo”<sup>77</sup> (AGOSTINHO,1998, p. 156)

Além da vida feliz que o homem deseja possuir ter uma forte conexão com a interioridade da alma humana, ela também possui certa interação com os objetos externos (corpóreos), que estão em contato com o homem na experiência empírica vivenciada diariamente por este no dia a dia.

Sobre a questão, Marcos Roberto Nunes Costa afirma: “Não são os objetos que produzem conhecimento no homem, mas o homem que sensoria os objetos<sup>78</sup>”. Assim, o homem, por meio dos sentidos, dado com a externalidade dos objetos, não chega ao verdadeiro conhecimento, pois, as sensações dadas por esses objetos, por si somente, não produzem um genuíno conhecimento. As experiências empíricas, fornecem apenas algo contingente, pois o seu objeto é mutável, enquanto o conhecimento racional oferece a segurança de uma verdade imutável. Neste sentido, a felicidade plena, transcende a externalidade do objeto experienciado pelo homem, realizando-se de modo absoluto com a interioridade da Verdade que é Deus.

“Em confissões, Agostinho quer descrever uma fenomenologia do desejo humano em direção à plenitude. O percurso tece de dentro uma estrutura no âmbito existencial que parte das experiências humanas na sua finitude para o seu encontro com o absoluto – O infinito amor de Deus – A via privilegiada passa pela vivência total dos sentidos, isto é, expressão da exterioridade dos sentidos corpóreos em direção da interioridade onde habita a morada do ser – a Verdade”<sup>79</sup>. (SILVA, 2014, p.231)

### 2.3 A sabedoria leva a felicidade

A sabedoria que Santo Agostinho associa à felicidade é algo transcendente ao pensamento humano. Esta é proveniente de Deus, que é considerado a verdade suprema<sup>80</sup>, que leva o homem ao verdadeiro caminho da vida feliz. O alcance desta felicidade é passado pela justa medida da sabedoria, que conduz a ação do homem

<sup>77</sup> *A vida feliz*. IV,35.

<sup>78</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. *10 lições sobre Santo Agostinho*. (p.27)

<sup>79</sup> SILVA, Nilo César: em *Agostinho de Hipona: Ensaio sobre Deus, liberdade e comunidade*, livro organizado por Luís Evandro Hinrichsen; e Paula Oliveira e Silva.

<sup>80</sup> Para Santo Agostinho, a verdade suprema que está acima de tudo provém de Deus. Ela possui um aspecto ontológico. Naquele filósofo, encontra-se uma associação de sabedoria com esta verdade que provém do Divino. “Mas, na vossa opinião, qual há de ser essa sabedoria senão a Verdade? Com efeito, também está dito: “eu sou a verdade” (Jo 14,6) Ora, a verdade encerra em si uma suma medida – *A vida Feliz*. IV,34 (p. 155)

para o caminho correto da felicidade. Sobre a questão, Roque Frangiotti assevera: “Para Agostinho, Deus é a Medida suprema, à qual todos seres devem ajustar. Assim, a sabedoria é a medida e equilíbrio, exclusão de excessos e deficiências. Possuir a medida-sabedoria é ser feliz”<sup>81</sup>

No antigo pensamento filosófico<sup>82</sup>, o viver feliz estava fortemente associado ao homem que vivia de acordo com a sabedoria. Neste aspecto, aquele que racionalmente vivesse segundo a sabedoria poderia encontrar a verdade e, por conseguinte, a felicidade. Este viver sabiamente, que tende para a vida feliz, envolveria o *logos* (razão), que tende a conduzir o ser humano ao correto raciocínio em direção à felicidade.

“Foi apresentada no diálogo (*A vida feliz*) a posição da tradição filosófica antiga, mormente, a neoplatônica e a estoica, que consistia em acervar que a sabedoria *logos* – a razão – ou seja, a sabedoria era senão a própria verdade, e era por meio do conhecimento desta verdade, ou, por um esforço racional e subjetivo, que se alcançaria a vida feliz, evidenciando assim que a sabedoria e a beatitude estão imbricadas. Afora isto acervavam que o cerne da vida feliz é a alma do sábio, ou seja, que a sabedoria deve ser buscada a princípio na interioridade humana<sup>83</sup>.” (SILVA, 2015, p. 66-67)

Para Santo Agostinho, este *logos* e esta verdade era o próprio Deus, que poderia ser encontrado no interior da alma. Neste sentido, é possível afirmar que a felicidade almejada pelo homem, em realidade, é intensamente associada à alma.

No diálogo com *A vida feliz*, Santo Agostinho já tinha deixado clara a questão da superioridade da alma em relação ao corpo. A alma do homem tem sede por algo maior que transcende as coisas corpóreas. O desejo da alma tende a corresponder com uma verdadeira e plena satisfação. Neste aspecto, a sabedoria certamente reside na alma. Logo, o homem deve viver de acordo com a sabedoria, voltando-se para o interior de sua alma.

Considerando que a felicidade é um estado de plenitude e, a infelicidade, uma espécie de carência, Agostinho conclui que: “[...] o homem feliz seria aquele a quem

---

<sup>81</sup> Comentário de Roque Frangiotti no rodapé do livro *A vida feliz*. (p.155).

<sup>82</sup> Filosofia Antiga, mais precisamente início da Filosofia helênica até o período da queda do Império Romano.

<sup>83</sup> SILVA, Josadaque Martins. *Felicidade vontade e medida: O dinamismo da vida feliz segundo Santo Agostinho*. Editora Juruá, 2015.



nada falta” e “ser feliz não é outra coisa do que não padecer necessidades, e isso é também ser sábio”<sup>84</sup>. Neste sentido, a felicidade pode ser associada à sabedoria e à satisfação daquele desejo que não sofre carência. Aqui vale questionar: mas o que vem a ser sabedoria? Para aquele filósofo, a sabedoria é algo que está fortemente relacionada à temperança da justa medida.

“Agora, se me perguntardes o que vem a ser a sabedoria- conceito a cuja análise e aprofundamento a nossa razão tem-se consagrado até o presente momento quando pode – dir-vos-ei que sabedoria é simplesmente a moderação do espírito (*modus animi*). Isto é, aquilo pelo que a alma se conserva em equilíbrio, de modo a não dispersar em excessos ou encolher-se abaixo de sua plenitude. Sem esta medida a alma atira-se em excesso na direção dos prazeres<sup>85</sup> [...]” (AGOSTINHO, 1998, p.154)

Neste aspecto, nota-se que a relação sabedoria-felicidade é inerente à moderação e satisfação da alma. Deste modo, a sabedoria funciona como uma espécie de guia condutor que leva o homem à felicidade, pois, a sabedoria dá o equilíbrio da moderação que o homem necessita para o alcance da felicidade. Logo, o ser humano, quando conduzido pela sabedoria, age sabiamente e com temperança, uma vez que não dispersa sua alma com prazeres mundanos que não trazem a verdadeira felicidade.

Em torno de tais aspectos de medida e moderação relacionados à sabedoria e à felicidade, em Agostinho, a infelicidade é totalmente oposta à felicidade, uma vez que ela se dá por uma espécie de intemperança desenfreada pelas paixões humanas (por coisas menores que perecem). Agir descontrolado, segundo aquelas paixões (dada pelo corpo), é viver de modo contrário à sabedoria e à temperança.

Por outro lado, caso ocorra o fato do homem viver segundo a sabedoria, que é inerente ao desejo sensato de sua alma, certamente estará no caminho reto para alcançar a vida feliz. Acerca daquela sabedoria, Agostinho assevera:

“(...) quando alguém tendo encontrado sabedoria, faz dela objeto de sua contemplação. (...) sem se deixar seduzir por coisas vãs, sem se voltar mais para as aparências enganosas, cujo peso arrasta e submerge em profunda objeção, tudo se desfaz, por estar ele abraçado a seu Deus (*amplexos a Deo*)

---

<sup>84</sup> *A vida Feliz*. IV,33. (p.154)

<sup>85</sup> *A vida feliz*. IV,33. (p.154)

*suo*). Então, esta pessoa não teme mais a imoderação, nem carência alguma, e, por conseguinte, nenhuma infelicidade. Concluamos, pois, que toda pessoa para ser feliz deve possuir a sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria.<sup>86</sup>” (AGOSTINHO, 1998, p.154-155)

Em realidade, a sabedoria é algo inerente à interioridade da alma, funcionando como uma espécie de esclarecimento que guia o homem para a verdade e um correto agir. E munido de tal sabedoria, o homem não se leva pelo engano daquilo que não contribui para sua felicidade, pois, a sabedoria o orienta para uma via correta da vida feliz.

Vale pontuar que a felicidade não é apenas adquirida por um intermédio do esforço teórico do homem, mas sim, pela sabedoria que transcende os limites da razão humana. Para Agostinho, a sabedoria é uma ferramenta fundamental no processo daquele que busca alcançar a vida feliz. Para Ettiéne Gilson, “[...] é fato capital para compreensão do agostianismo que a sabedoria, objeto da filosofia, sempre é confundida, por ele, como a beatitude”<sup>87</sup>. Neste sentido, na filosofia de Agostinho é encontrada uma sabedoria inerente à felicidade. Vale destacar que esta sabedoria da qual Agostinho aborda funciona como uma espécie de razão superior à razão humana, ou seja, esta sabedoria provém de uma racionalidade intelectual e divina que está acima da razão humana. Por isso, o homem que quiser alcançar a verdadeira vida feliz deve recorrer ao auxílio dessa sabedoria divina.

Apesar de considerar importante o exercício da razão e o papel da Filosofia na busca pela felicidade, Agostinho destaca que a razão e a Filosofia por si mesmas não são suficientes para o homem lograr a verdadeira felicidade. Assim, faz-se importante que o ser humano recorra à graça da sabedoria suprema para ter acesso à felicidade.

“Além de divergir dos antigos filósofos quanto ao lugar onde a felicidade se encontra, Agostinho discorda destes também ao método ou caminho a ser alcançado, quando, embora não negando totalmente o papel da razão ou Filosofia, indica como condição *sine qua non* a intervenção da graça divina, colocando não no homem, mas no próprio Deus, que se revela enquanto Verdade-Felicidade, o mérito de tal ação. Não que Agostinho negue totalmente ao papel da razão ou Filosofia neste processo, apenas que esta,

---

<sup>86</sup> A vida feliz. IV,33. (p.154-155).

<sup>87</sup> Introdução aos estudos de santo Agostinho. Étienne Gilson (p.17).

por conta própria, não é suficiente para alcançá-la, senão mediante o auxílio da graça divina.<sup>88</sup> ” (COSTA, 2012, p.21-22)

Observado a solidez na relação sabedoria-felicidade, é possível afirmar que a sabedoria é algo praticamente imprescindível ao homem, para que este possa alcançar a felicidade. Vale pontuar que a felicidade, para Santo Agostinho, é denominada beatitude que, por sua vez, é alcançada por intermédio da sabedoria. Neste aspecto, o homem, guiado pela sabedoria divina, seria levado ao conhecimento verdadeiro do sumo bem. Neste sentido, a filosofia agostiniana considera que a posse deste sumo bem é o próprio encontro do homem com verdade.

A sabedoria, sem dúvida, exerce um papel fundamental na busca da felicidade, pois, é por meio dela que o homem alcança a verdadeira felicidade. Tal felicidade, proposta pela via do pensamento agostiniano, implica, portanto, no encontro do ser humano com aquela verdade eterna e imutável, que é Deus. Assim, aquele que vive sabiamente e tem a posse deste bem divino, poderá viver em plenitude e nada mais desejar. Isto ocorreria porque a felicidade satisfaria o homem por completo, ou seja, a beatitude traria aquela completude para o homem, uma vez que satisfaria os desejos mais profundos da alma humana.

#### **2.4 O telos da felicidade (A criatura e o Criador)**

No pensamento agostiniano tem-se uma forte coesão entre o Criador e a criatura. Deus (Criador) cria o homem e as demais coisas corpóreas (as criaturas), dando forma e existência à sua criação. Para Santo Agostinho, o homem é uma criatura que deve se unir ao seu Criador, pois, o ser humano, como um ser criado, só conseguirá se completar e encontrar sentido para sua existência em uma proximidade com Aquele que o criou e tem o melhor a oferecer. Neste sentido, quando mais próximo a criatura se unir ao seu Criador, mais o homem pode se completar e realizar-se como criatura existente. Assim, o existir é viver verdadeiramente na condução da graça divina de um Deus Criador que cria o homem para viver o bem, segundo a felicidade plena.

---

<sup>88</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. *10 Lições sobre Santo Agostinho*. Editora Vozes, 2012.

Certamente, em virtude do bem que Deus oferta ao homem, o fim das ações humanas, em geral, tende a buscar o alcance de um bem maior: a felicidade.<sup>89</sup> Neste aspecto, aquele que age sabiamente e de modo especulativo tende a buscar não somente um sentido para sua existência, mas, a realizar-se em uma ética que o direcione para o bem estar de uma vida feliz e plena. Em vista desse aspecto, para Agostinho, a vida humana possui uma finalidade última que se completa com o *telos*<sup>90</sup> da felicidade.

Levando em consideração o fato de que todos os homens querem ser felizes, é possível afirmar que cada homem carrega em si uma espécie de desejo inato que almeja a felicidade. Mas este desejo humano que clama a vida feliz só será dado com a realização do *telos* do homem que deve buscar seu fim último: a felicidade. Em *Confissões*, Agostinho trata da busca em questão ao afirmar que enquanto não repousar em seu Criador, o ser humano viverá de modo inquieto: “[...] fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousar em ti”<sup>91</sup>. Neste sentido, o homem, como criatura, somente logrará repouso e viverá sem inquietude quando voltar-se para Aquele que o criou.

Enquanto o homem não encontrar o sentido para sua existência e não se unir ao bem maior (o Criador), não será feliz de modo completo, uma vez que acabará buscando se realizar nos bens menores existentes. Neste aspecto, caso o ser humano se prenda aos bens criados (criaturas), em realidade, não satisfará a realização do seu verdadeiro *telos*, que é se unir ao seu Criador. Portanto, quando o homem, ao se amarrar aos bens criados, acaba se afastando daquele criador que oferta a verdadeira paz: “É assim que o homem peca, quando se afasta de ti e busca fora de ti a pureza e a limpidez, que ele não pode encontrar senão voltando para ti.”<sup>92</sup> Em um sentido semelhante, Agostinho admitiu ter errado em se apegar às criaturas no lugar do seu Criador:

---

<sup>89</sup> Para Santo Agostinho, tudo o que foi criado por Deus é bom. Entretanto, o maior bem existente não é algo criado. E o maior bem que o ser humano pode possuir é Deus (o Sumo Bem.). Deus, para o bispo de Hipona, é a própria verdade, onde reside a felicidade plena.

<sup>90</sup> Termo grego, que significa fim (finalidade). Santo Agostinho tem o homem como um ser (criatura) que busca um sentido para sua existência e uma realização para sua vida. Tal busca somente logrará êxito em uma união do homem (criatura) com o seu Criador (Deus) – ação que se dará com o *telos* da felicidade, onde Deus cria o homem com determinado propósito existencial.

<sup>91</sup> *Confissões*. I,1. (p.19). Editora Paulus.

<sup>92</sup> *Confissões*. II,14. (p.59). Editora Paulus.

“Portanto, bom é aquele que me criou. Ele é meu bem, e eu exulto em sua honra por todos bens que constituem a minha existência desde a infância. Meu pecado era não procurar nele, e sim nas criaturas – isto é, em mim e nos outros- os prazeres, as honras e a verdade. Eu me precipitava assim na dor, na confusão e no erro. Graças a ti, ó minha doçura, minha glória, minha confiança, meu Deus pelos dons que me deste. Conserva-os, pois. E assim me conservarás. Então crescerá e se aperfeiçoará tudo que me deste. E eu mesmo viverei contigo, porque foste tu que me deste a possibilidade de existir”<sup>93</sup> (AGOSTINHO, 1997, p.46)

O homem deve viver na busca de atingir o seu determinado fim (*telos*), que, para o bispo de Hipona, é a felicidade conquistada com a realização do seu ser. Ora, o ser humano, como criatura, possui uma finalidade última que há de se completar com a felicidade plena que, para ser alcançada, necessitará que o homem viva de modo virtuoso e sábio. Assim, aquele que busca a vida feliz deve viver segundo a sabedoria e não se voltar para os bens criados (criaturas) que perecem, mas sim, voltar seu amor e confiança Naquele que tudo criou e é causa das coisas que existem:

“Se te agradam os corpos, louva a Deus por eles e dirige teu amor a quem os criou, para não lhe desagadares ao encontrar prazer em tais criaturas. Se te agradam as almas, ama a elas em Deus, pois são também mutáveis e somente nele tornam-se estáveis; de outro modo, passariam e pereceriam. Portanto é em Deus que deves amá-las; leva-as contigo até ele, dizendo-lhes: “Amemos a Deus! ” Foi ele o criador dessas realidades, e delas não está longe, pois não as abandonou depois de criá-las. Dele elas vêm e nele existem. Ele está onde se saboreia a verdade. Ele está no íntimo do nosso coração<sup>94</sup> [...]” (AGOSTINHO, 1997, p.103)

Os objetos corpóreos e todos outros bens criados certamente derivam da criação de Deus que mantém a existência dos mesmos. Considerando que este Deus é aquele Criador supremo que tudo criou, não seriam estas coisas criadas que deveriam ser veneradas/adoradas pelo homem, mais sim, Aquele que as criou. Portanto, aquele que se atém aos bens criados acabará se apegando a um bem menor. Por outro lado, caso o homem se apegue aquele que tudo criou, se apegará também ao bem supremo, que pode completá-lo como criatura e levá-lo ao verdadeiro estágio da vida plena e feliz.

<sup>93</sup> *Confissões*. I,31. (p.46). Editora Paulus.

<sup>94</sup> *Confissões*. IV,18. (p.103). Editora Paulus.

Agostinho não encontrou uma verdade<sup>95</sup> imutável na externalidade dos bens criados, mas sim em sua interioridade de sua alma. Em *Confissões*, o filósofo admitiu que saiu na busca da resolução da questão por vias errôneas, enquanto a verdade-felicidade que buscava habitava dentro de sua alma, e ele a procurava do lado de fora, entre as criaturas:

“Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu minha surdez. Fulgurastes e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo da paz.<sup>96</sup>” (AGOSTINHO, 1997, p.299)

Tem-se aí o desapego de Santo Agostinho com as coisas terrenas que são criadas. Após sua experiência espiritual de proximidade com o Criador, o filósofo revela ter desejado ardentemente a paz que o Criador pode lhe ofertar. Este Deus criador do qual Agostinho fala é a autêntica verdade que pode alimentar a alma e trazer aquela plenitude que o homem necessita para alcançar a vida feliz.

Levando em consideração o fato de que o homem deve alimentar preferencialmente sua alma em relação ao corpo<sup>97</sup>, o Deus Criador é visto como o alimento ideal da alma. Agostinho aponta tal alimento espiritual como algo que, depois de experienciado, o impulsionou a continuar em comunhão com o seu criador.

Por fim, o alimento espiritual do qual a alma necessita é ofertado por Deus para que o homem se realize na desejada paz da felicidade. Portanto, o homem que deseja viver a verdadeira plenitude da felicidade deve se voltar inteiramente Àquele que o criou, uma vez que o encontro da criatura com o seu criador viabiliza o *telos* para qual o homem foi criado: viver segundo a plenitude da realização de uma vida feliz.

---

<sup>95</sup> A verdade almejada por Santo Agostinho é a tranquilidade de uma verdade autêntica e imutável; é a busca da felicidade que se converte na busca de Deus (*quaestio Dei*).

<sup>96</sup> *Confissões*. X,38 (p.299). Editora Paulus.

<sup>97</sup> Referente a: *A vida feliz*. Capítulo II,8.

## 2.5 A virtude a e felicidade

A palavra “virtude” é derivada do latim *virtus*, que significa excelência. Ela denota potência ou determinada capacidade de comportamento moral<sup>98</sup>. Para Agostinho, aquele que quiser viver uma vida feliz deve viver segundo a prática da virtude. Neste sentido, esta ação virtuosa que leva à felicidade passa pelo trilha que levará o homem a atingir seu determinado fim.

Agostinho assevera que: “A virtude é o caminho pelo qual se avança para atingir o seu fim<sup>99</sup> [...]”. Tal virtude proposta pelo pensamento agostiniano funciona como uma ferramenta que possibilita o homem desenvolver suas potencialidades em direção ao bem supremo (felicidade). Neste sentido, viver a virtude é realizar a própria essência do ser que se direciona para um determinado fim.

Vale pontuar que Agostinho não sistematizou, de modo exaustivo, sua concepção sobre virtude, porém, virtude e felicidade detêm relações próximas. Agostinho, em *A cidade de Deus*, fez questão de memorar Platão ao apontar que o bem supremo atrelado à virtude possibilitava a felicidade ao ser humano:

“Basta por agora recordar que, segundo Platão, o bem supremo consiste em viver conforme a virtude — o que só pode ser alcançado por quem tem o conhecimento de Deus e procura imitá-lo: não há outra causa que possa tomá-lo feliz.<sup>100</sup>” (AGOSTINHO, 1996, p.724)

A virtude funciona como algo que norteia a potencialidade do homem em direção ao bem maior. Ela é cedida pela ação da graça divina àquele que busca vivenciá-la. Neste sentido, Santo Agostinho ressalta que: “[...] por maiores que sejam as virtudes que possam ter nesta vida, atribuem-nas unicamente à graça de Deus que as concedeu aos seus desejos, à sua fé. [...]”<sup>101</sup>. Portanto, aquele que quiser viver segundo a virtude deve recorrer ao auxílio da graça divina para realizar-se plenamente em direção ao bem supremo da felicidade.

<sup>98</sup> Nicola Abbagnano, no *Dicionário de Filosofia*, comenta: “VIRTUDE (gr. ápení ; lat. Virtus, in. Virtue, fr. Vertii; ai. Tugend; it. Virtú). Este termo designa uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou o ser a que pertença. Seus significados específicos podem ser reduzidos a três: 1Q capacidade ou potência em geral; 2a capacidade ou potência do homem; 3S capacidade ou potência moral do homem. [...]” Página 1003.

<sup>99</sup> *A Cidade de Deus*. V, XII. (p.503).

<sup>100</sup> *A Cidade de Deus*. VIII, VIII. (p.724)

<sup>101</sup> *A Cidade de Deus*. V, XIX. (p.531)

Assim como o homem busca, na verdadeira felicidade, a completude para seu ser, ele deve buscar na virtude o direcionamento para seu melhor fim (sem o qual outro bem não exista). Neste sentido, Agostinho comenta: “É que não é verdadeira virtude senão aquela que tende para um fim onde se encontre o bem do homem, melhor do que o qual nada há.”<sup>102</sup>

Na obra *A vida feliz*, Agostinho aponta a virtude como a justa medida que pondera corretamente as ações do homem. Para explicar a questão, ele propõe a tratar sobre os termos “plenitude” e “indigência”, admitindo que estes são opostos, bem como os termos “intemperança” e “moderação”. A “plenitude”, para o bispo de Hipona, apresenta um aspecto ligado ao “ser”, enquanto a “indigência”, ao “não ser”<sup>103</sup>. Neste sentido, tem-se que a moderação (a justa medida) seria a “mãe de todas as virtudes”<sup>104</sup>. Para enfatizar seu pensamento, ele acrescenta o discurso popular de Túlio: “Pense cada um o que quiser; quanto a mim, estimo que a frugalidade, isto é, a moderação ou temperança, é a mais excelente das virtudes”.<sup>105</sup>

Agostinho afirma que Túlio propõe o termo “frugalidade” como uma espécie de analogia a *fruges* (fruto). Neste sentido, a frugalidade (moderação) seria uma espécie de “fecundidade do ser”<sup>106</sup>. Assim, viver a virtude seria dar sentido à fecundidade do ser que se manifesta na moderação da justa medida.

O pensamento de Santo Agostinho que associava a virtude à justa medida (moderação) se assemelha ao pensamento aristotélico, que também via a virtude como uma espécie de medida sensata e moderada da ação:

“(A virtude) é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta, pois nos vícios ou há falta ou há excessos daquilo que é conveniente no que concerne às ações e às paixões, ao passo que a virtude encontra e escolhe o meio termo”<sup>107</sup> (ARISTÓTELES, 2001, p.49)

O pensamento de Agostinho tem a virtude não somente como algo que o homem vivencia a partir de um determinado empenho pessoal. A virtude para esse

<sup>102</sup> *A Cidade de Deus*. V, XII. (p.504)

<sup>103</sup> *A vida Feliz*. IV,31 (p.152-153); Para Santo Agostinho, aquilo que existe (os seres) são coisas boas, pois fazem parte da criação divina. Neste sentido, “o ser” é considerado como algo bom e positivo. Já o “mal” não faz parte da criação de Deus. Agostinho considera que o mal é uma ausência do bem. Neste sentido, o mal é considerado como o “não ser”.

<sup>104</sup> *A vida feliz*. IV,31. (p. 153)

<sup>105</sup> *A vida feliz*. IV,31. (p. 153)

<sup>106</sup> *A vida feliz*. IV,31. (p. 153)

<sup>107</sup> *Ética a Nicômaco*. Livro II, 1107 a



filósofo é, de certa maneira, uma espécie de dádiva e graça que Deus concede àqueles que buscam e esforçam para alcançá-la.

A vivência virtuosa da qual o homem deve viver para alcançar a felicidade é intermediada por uma espécie de acese espiritual, que leva o homem a se desenvolver aproximando daquele que o criou. Neste sentido, a virtude funciona como uma espécie de trabalho laborioso entre o homem que busca e um Deus que concede a dádiva.

Para Santo Agostinho, além de Deus ser aquele que concede a graça da virtude, ele é a própria verdade-felicidade que o homem vive a procurar. Neste sentido, aquele que vive segundo a virtude, amparado pela sabedoria, viabiliza e torna mais possível o encontro com Deus: aquele que é considerado a porta e via de acesso à felicidade.

Existe certa associação entre a virtude e a alma no caminho daquele que busca a felicidade. Para compreender tal relação, é preciso observar que o homem, como um ser composto por corpo e alma, tem a alma com certa predileção hierárquica em relação ao corpo. Por esse motivo, aquele que busca alcançar a felicidade deve se voltar mais para aquilo que alimenta a alma. Logo, nota-se a existência de uma relação da alma com aquele que busca a vida feliz, bem como uma associação da alma com a virtude, uma vez que esta se relaciona intimamente com o aspecto da interioridade do ser.

Considerando a relação existente entre a virtude e a alma, para Agostinho, estas trabalhavam unidas em prol de uma conduta prática e ética do ser. De modo correlato, para Platão, a alma<sup>108</sup> e a virtude também se relacionam e trabalham em prol do desenvolvimento moral e ético do ser. Neste sentido, ambas levam o homem a cumprir a sua *arete*<sup>109</sup>, ou seja, a cumprir a sua função com excelência em prol de um determinado bem:

“A natureza da alma e a imortalidade da alma são duas dimensões fundamentais da filosofia de Platão e ambas incidem sobre a noção de *arete*, pois essa não pode ser entendida completamente sem uma articulação profunda com esses dois conceitos. Por isso, as relações entre alma e virtude

---

<sup>108</sup> Para Platão, a alma tende para a verdade perfeita. O pensamento platônico considera que a elevação da alma em relação ao corpo pode levar o homem ao verdadeiro conhecimento, que transcende o mundo sensível (corpóreo).

<sup>109</sup> *Arete*, do grego (ἀρετή), significa excelência, realizar determinada função ou propósito, viver bem, viver de modo preciso e decidido.

em Platão, nesse início da metafísica, refletem uma concepção antropológica marcada profundamente pelo viés moral e ético”<sup>110</sup> (PAVIANI, 2012, p.94)

Em realidade, a virtude é uma espécie de ascensão da alma que regula os desejos corporais excedentes. Neste aspecto, a virtude funciona como um guia racional que modera e conduz o homem ao caminho sensato, sem deixá-lo perder nas paixões dos desejos carnisais.

Em torno do que foi exposto sobre a virtude, e considerando que o viver feliz envolve a questão de possuir o que se deseja. A virtude exercer aí, um importante papel ético no processo de busca pela felicidade, pois a virtude tende para o bem supremo e trabalha em prol, justamente, daquele que deseja viver sabiamente e alcançar a verdadeira felicidade.

## 2.6 O acesso à felicidade plena

Para Santo Agostinho, o acesso real à felicidade não pode ser obtido nesta vida sobre a terra, uma vez que aí, o homem não obtém a segurança de um bem que realmente o satisfaça por completo. Para o bispo de Hipona, a felicidade, em seu modo pleno e perfeito, possui um caráter místico, e somente pode ser alcançada na “outra vida”<sup>111</sup>, com o ingresso do ser humano na morada celeste.

A questão da morada celeste pode ser encontrada na obra *A Cidade de Deus*, onde Agostinho trata de uma determinada ética cristã, propondo a vivência de uma determinada moral<sup>112</sup>, que conduzirá o homem à felicidade perfeita. Na mesma obra, ele apresenta o mundo dividido entre duas cidades, a saber: 1) a cidade dos homens (a cidade terrena); e, 2) a cidade de Deus (a cidade celeste).

---

<sup>110</sup> PAVIANI, Jayme. *Notas sobre o conceito de virtude em Platão*. Revistas eletrônicas PUCRS, 2012.

<sup>111</sup> “Outra vida”, em um sentido espiritual. Santo Agostinho assevera a existência de outra vida após a morte. No pensamento cristão, após esta vida terrena, para os justos, existirá outra vida na morada celeste – lugar onde tudo seria perfeito. [...] “as multidões afluem às igrejas: formam uma casta assembleia com uma separação honesta de sexos; ali aprendem como se deve viver virtuosamente no tempo para, depois da morte, se merecer a felicidade na eternidade” *A cidade de Deus*, livro II, capítulo XXVIII. ( p. 277).

<sup>112</sup> No livro *Agostinho de Hipona: ensaios sobre Deus, liberdade e comunidade*, Luís Evandro Hinrichsen (2014 p. 7) comenta: “[...] a *Civitas* (cidade) tem uma função ético-moral, enquanto meio que leva os homens a viverem de forma reta com vistas à vida eterna”. Deste modo, a *Civitas* não tem um valor em si mesmo (bem absoluto), mas apenas um valor médio (bem relativo), que leva, ou não, à “*divina caelestique Republica*”.

Por Agostinho, o homem é visto como um habitante da cidade terrena, que é convidado a peregrinar rumo à cidade celeste – lugar onde encontrará a posse do bem maior: a verdade-felicidade encontrada em Deus. Aqui se faz importante destacar que a posse do sumo bem é dada pela via cidade de Deus. Neste sentido, o homem, durante sua jornada na cidade terrena, não poderá usufruir por completo da plenitude, que é a paz de uma vida feliz.

“O peregrino pertence tanto à cidade de Deus quanto à cidade terrena. Busca incessantemente a paz, entretanto, vive as contradições e conflitos do mundo. Se a cidade de Deus é o horizonte último do cristão em sua jornada no tempo, todavia, ainda não é plenamente” (HINRICHSEN, 2014, p. 13).

Ao tratar da cidade celeste, Santo Agostinho assevera: “Incomparavelmente mais gloriosa é a cidade do Alto, onde a vitória é a verdade, onde a dignidade é a santidade, onde a paz é a felicidade, onde a vida é a eternidade.<sup>113</sup>”. Com esta asserção, o filósofo aponta a oposição entre as duas cidades, sendo a cidade celeste mais gloriosa do que a cidade terrena. Enquanto na cidade celeste prevalece a segurança de uma vida feliz, na cidade terrena não há segurança de um bem que ofereça estabilidade.

A perfeita felicidade não pode ser vivida de maneira completa na terra (cidade terrena), uma vez que o que está sobre a terra, além de ser corruptível, não oferece a verdade imutável e felicidade plena que a alma humana deseja. Por isso, para Agostinho, a felicidade apresenta certo caráter metafísico que transcende a visibilidade corpórea, pois é afirmado que: “[...] a felicidade não é um corpo e por isso não se vê com os olhos”<sup>114</sup>

É possível encontrar certa influência platônica no pensamento de Agostinho em torno da questão entre a cidade terrena – dos homens – e a cidade celeste – de Deus, uma vez que o bispo de Hipona teria construído seu pensamento da ideia de verdade e perfeição a partir da influência dos escritos platônicos. Deste modo, a cidade de Deus seria um lugar onde a alma poderia encontrar uma verdade perfeita que não poderia ser ofertada na cidade terrestre.

---

<sup>113</sup> AGOSTINHO, *A cidade de Deus*. Livro II, Capítulo XXIX. (p. 281)

<sup>114</sup> AGOSTINHO, *Confissões*, Livro X, 21 (p.253). Editora Vozes, 2012.

Para o pensamento platônico, a verdade, tal como a perfeição de algo, não pode ser encontrada nos bens corpóreos, que são captados pelos sentidos, uma vez que os sentidos humanos, em contato com aquilo que se faz presente no mundo sensível<sup>115</sup>, não são capazes de encontrar a perfeita verdade no mundo terreno. Logo, diante dos bens corpóreos (terrenos), que são mutáveis, o homem não consegue ter acesso à autêntica verdade, pois esta é imutável. De maneira aproximada ao pensamento platônico, para Santo Agostinho, o homem também não pode ter acesso à autêntica verdade neste mundo terreno, já que a verdade é algo que está além da materialidade deste mundo.

É importante destacar que a verdade, para Agostinho, passa pelo perfeito conhecimento de Deus. Este filósofo leva em conta que o homem, sobre esta terra, obtém apenas um conhecimento limitado e ofuscado da verdade. Na obra *Retractationes*<sup>116</sup>, Agostinho cita uma passagem da *primeira carta de Paulo aos Coríntios*<sup>117</sup> para tratar do limite do conhecimento no mundo terreno, reconhecendo que o verdadeiro e esclarecedor conhecimento será dado na vinda da vida futura, onde o homem verá Deus face a face.

Para Platão, a perfeita verdade está presente no mundo inteligível. Portanto, não poder ser conhecida por meio do mundo sensível, mas sim, pela via do intelecto, que pode acessar o mundo das ideias – lugar onde a alma pode racionalmente conhecer a verdade. De maneira próxima a este pensamento de Platão, para Santo Agostinho, a verdade também não poderia ser conhecida por intermédio dos aspectos corpóreos sensível, mas sim, pelo intelecto e pela razão<sup>118</sup> existentes na alma humana. A perfeita verdade, segundo Agostinho, está estritamente ligada no vínculo entre inteligência e a Verdade incriada, perfeita e sumamente boa. Assim, o filósofo de Hipona acredita que há uma conexão natural entre Intelecto e a verdade, que o

---

<sup>115</sup> Para Platão, o mundo sensível é o mundo captado pela sensibilidade do homem em contato com algum bem corpóreo/material. No mundo sensível não é possível ter acesso à perfeita verdade. No mundo inteligível, o intelecto pode acessar o mundo das ideias e obter o conhecimento da verdade perfeita.

<sup>116</sup> Roque Frangiotti traz uma nota de introdução, na obra *A vida feliz* (p.111-112), onde cita uma passagem de *Retractationes* I,2.

<sup>117</sup> 1Cor 13,12 “Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas depois eu conhecerei como sou conhecido”.

<sup>118</sup> Santo Agostinho, na obra *A verdadeira religião* (capítulo 24), comenta: “A razão conduz à compreensão e ao conhecimento”. Agostinho associa a fé e a razão como ferramentas que levam o homem à verdade divina.

transcende. Poderia, com muita cautela, estatuir uma tênue reflexão entre o intelecto e o “Mestre interior.”

Os objetos (bens) dados pelo mundo sensível, para Platão, não são algo perene; mas, são imutáveis e perecem. A mutabilidade e o perecimento destes objetos não podem oferecer um conhecimento seguro e genuíno das coisas, pois, a verdade, sendo fixa, não pode passar pela transitoriedade. A filosofia platônica tece o pensamento de que os objetos (terrenos) são apenas uma espécie de cópia imperfeita daquilo que é perfeito e está no mundo das ideias. De modo análogo, para Santo Agostinho, a felicidade ofertada e vivida na cidade terrena (em contato com os bens terrenos) não é perfeita, pois, é considerada como uma cópia imperfeita da perfeita felicidade que reside na cidade celeste.<sup>119</sup>

Para o bispo de Hipona, aquele que quiser alcançar a plenitude da vida feliz terá que buscar a felicidade na cidade celeste que transcende a cidade dos homens. Ora, a alma humana tende a se completar com as coisas espirituais que a preenchem plenamente. Portanto, o homem deve ter consciência de que na cidade terrena não poderá saciar, verdadeiramente, a sede de felicidade e plenitude que sua alma requer – sede que somente será saciada quando o homem detiver o real acesso e a posse do sumo bem na outra vida (vida eterna).

O acesso à perfeita felicidade, para Agostinho, é visto como algo metafísico que transcende a materialidade deste mundo. Desta maneira, a felicidade é invisível aos olhos corpóreos<sup>120</sup>, porém, visível aos olhos espirituais da alma. Por isso, Agostinho afirma que a alegria reside na alma daquele que busca se realizar com os bens celestes, e condena a avareza humana que se apega aos bens terrenos.

“A fim de que alma conheça a alegria que salva e torna o espírito bastante esclarecido para receber luz tão brilhante, é dito aos avarentos: “não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os destrói, e onde os

---

<sup>119</sup> O pensamento platônico e a afirmação do apóstolo Paulo que diz que o homem não enxerga, aqui na terra, as coisas de maneira clara e o que é visto funciona apenas como algo refletido por um espelho (Cor 13,12), influenciou o pensamento de Santo Agostinho, que depositou a confiança de que a verdade esclarecedora e perfeita estaria além desta materialidade, embaçada da verdade da cidade terrena.

<sup>120</sup> A felicidade possui um caráter metafísico, pois, o bispo de Hipona afirma no livro X de *Confissões*: “[...] a felicidade não é um corpo e por isso não se vê com os olhos” (p. 235). *Confissões*. 2012. Editora Vozes. Por outro lado, o olho da alma é a mente isenta de toda mancha do corpo, isto é, já afastada e limpa dos desejos das coisas mortais, o que somente a fé, em primeiro lugar, lhe pode proporcionar. Pois o que ainda não lhe pode ser mostrado enquanto esteja manchada e envolta de vícios [...] AGOSTINHO, *Soliloquios*, 1998. Editora Paulus. (p. 30)

ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros nos céus, onde nem a traça nem o caruncho destroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam, pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração”<sup>121</sup> (AGOSTINHO,2002, p.30)<sup>122</sup>

Considerando o fato de que é feliz quem tem o que deseja, e que a alma do homem deseja algo pleno.<sup>123</sup> Pode ser afirmado que o homem, somente, obterá acesso à vida feliz quando tiver a posse do sumo bem. Neste sentido, Agostinho afirma que quem possui a Deus<sup>124</sup> é feliz. Isto porque Deus é aquele bem supremo que supre os desejos da alma humana e leva homem à completude da verdadeira felicidade.

Para o bispo de Hipona, a posse de Deus pode ser dada conforme três apontamentos existentes no diálogo *A vida feliz*. O primeiro diz que possui a Deus aquele que age de acordo com o querer Divino. O segundo diz que possui a Deus aquele que vive bem. E o terceiro diz que tem a posse de Deus é aquele que não vive as impurezas de um espírito impuro.<sup>125</sup> Em torno do primeiro e segundo apontamentos, Agostinho afirma que ambos expressam a mesma ideia, ou seja, “[...] se consideramos os dois primeiros pareceres, vemos que quem vive bem faz a vontade de Deus; e quem faz o que Deus quer vive bem. Não constituem coisas diferentes: viver bem é fazer o que agrada a Deus.”<sup>126</sup>

A respeito do terceiro apontamento daquele que pode possuir a Deus, Agostinho menciona que o espírito impuro “[...] aplica-se a toda alma impura, isto é, manchada por vícios e erros”.<sup>127</sup> Por isso, o homem que quer possuir a Deus não pode viver em consonância ao espírito impuro, uma vez que possuir Deus é estar livre de um “espírito denominado impuro”.<sup>128</sup> Portanto, possuir a Deus é viver de modo puro e virtuoso. Em suma, pode ser dito que aquele que vive no reto caminho espiritual torna possível a posse da verdadeira felicidade.

<sup>121</sup> Agostinho cita a passagem bíblica Mt 6,19-21.

<sup>122</sup> *A verdadeira religião*. (p.30)

<sup>123</sup> *A vida feliz*. Capítulos II, III e IV.

<sup>124</sup> *A vida feliz*. Capítulo II, 11. (p.131)

<sup>125</sup> *A vida feliz*. Capítulo III,17. (P. 137-138)

<sup>126</sup> *A vida feliz*. Capítulo III, 18. (p. 138)

<sup>127</sup> *A vida feliz*. Capítulo III, 18. (p. 138)

<sup>128</sup> *A vida feliz*. Capítulo III, 18. (p. 138)

A verdadeira felicidade é uma árdua busca do homem que procura saciar a sede e o desejo de sua alma. Assim, a vida feliz será alcançada somente quando o homem, em realidade, satisfazer por completo o seu desejo interior de plenitude.

“Entretanto, enquanto estivermos em busca, somos forçados a reconhecer que ainda não nos saciamos da água dessa fonte. E servindo-me daquele termo “plenitude” empregado por Licêncio (cf. IV,30), ainda não possuímos a plenitude. Não presumamos, assim haver alcançado a nossa medida. Porque, também se certos da ajuda de Deus, ainda não atingimos a Sabedoria, nem, por conseguinte, a felicidade<sup>129</sup>.” (AGOSTINHO, 1998, p. 156)

A respeito da verdadeira felicidade, Santo Agostinho assevera: “–Eis, sem dúvida, a vida feliz, e essa é a vida perfeita. Tenhamos confiança que poderemos ser levados a ela, prontamente, graças a fé sólida, à alegre esperança e a ardente caridade”<sup>130</sup>. Aqui ele observa que felicidade, em sua integralidade, fundamenta-se em uma esperança futura. Portanto, a felicidade não pode ser obtida, de modo absoluto, no tempo presente deste mundo terreno, mas somente em um futuro que há de vir.

---

<sup>129</sup> A vida feliz. Capítulo IV,35. (p. 156)

<sup>130</sup> A vida feliz. Capítulo IV,35. (p. 157)

## CONCLUSÃO

Não é possível compreender de modo exímio a questão da felicidade em Santo Agostinho apenas com base na obra *A vida feliz*. Apesar de esta ter o seu tema inteiramente voltado para a felicidade, tal escrito, *de per si*, não é capaz de trazer conteúdo suficiente para explicar a questão. Assim, para buscar uma adequada compreensão sobre a questão da felicidade no bispo de Hipona, faz-se importante debruçar sobre o tema em outras obras do filósofo, pois, o mesmo trata diversas vezes da temática em outros escritos.

Levando em consideração o fato de que *A vida feliz* foi uma das primeiras obras escritas por Agostinho, esta não abrange o rico pensamento agostiniano sobre a questão, pois, o mesmo continuou escrevendo por mais de 40 anos<sup>131</sup> e, neste ínterim, amadureceu alguns de seus pensamentos.

Na obra *A vida feliz*, Santo Agostinho esclarece que a verdadeira felicidade se constitui em uma plenitude espiritual, e que não há vida feliz sem o perfeito conhecimento de Deus<sup>132</sup>. Apesar de deixar em evidência tais informações, inicialmente, o bispo de Hipona não deixou claro que a plenitude da vida feliz somente seria possível na vida futura<sup>133</sup>, sendo tal questão melhor abordada em suas obras posteriores.

Em *Confissões*, Agostinho menciona: “Quando estiver unido a ti com todo o meu ser, não mais sentirei dor ou cansaço. Minha vida será verdadeiramente vida, toda plena de ti. Aliviais quem plenamente satisfazes<sup>134</sup>.” Aqui, a completa felicidade é tratada com a união do homem com Deus, sendo que tal ação somente se dá quando o corpo (corrupto) do homem se tornar incorruptível (com a ressurreição) na vida futura. Neste sentido, o bispo de Hipona assevera: “[.] o apóstolo o espera só para vida futura, ela, unicamente, merece o nome de vida feliz, porque o corpo, já

---

<sup>131</sup> A obra *A vida feliz* foi escrita no ano de 386. Santo Agostinho continuou sua produção literária até o ano de sua morte (430), quando escreveu *Sermones*.

<sup>132</sup> “[...] Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente.” *A vida feliz*. VI,35.

<sup>133</sup> Tal questão ficou mais clara em obras posteriores. Em nota complementar da obra *A trindade*, Nair de Assis Oliveira comenta: “A convicção de ser possível a plena felicidade neste mundo, só na esperança nunca cessou de aprofundar em Agostinho, e isso a medida que avançava em idade. Assim só na eternidade teremos a posse de Deus e com ele a felicidade, a única que merece este nome.” *A Trindade*, 1995 (p.674)

<sup>134</sup> *Confissões* X,39. (p.299) Editora Paulus.



então incorruptível e imortal, estará submetido ao espírito sem nenhuma fraqueza ou resistência<sup>135</sup>.”

Em Santo Agostinho, todos os homens preferem usufruir a verdade a viver a falsidade<sup>136</sup>. Assim, o homem realmente tem sede de viver uma felicidade que provém de uma alegria verdadeira. Em *Confissões*, o filósofo de Hipona atenta: “Conheci muitos com o desejo de enganar os outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado”<sup>137</sup>. Aqui percebe-se que o homem tem sede de verdade e não deseja ser enganado<sup>138</sup>, por isso busca uma verdade segura que realmente o conforte e lhe traga paz. A respeito da relação do homem com a verdade, o bispo de Hipona menciona: “[...] se de fato não querem ser enganados, é porque amam também a verdade. E já que amam a felicidade que nada mais é que a alegria oriunda da verdade, amam também certamente a felicidade.”<sup>139</sup> Aqui faz-se importante perceber a existência de uma forte conexão entre o desejo de felicidade e o desejo pela verdade. Neste sentido, não é possível dissociar a verdade da felicidade, uma vez que a busca da felicidade é a busca da verdade.

A criação do homem, para Agostinho, apresenta certo propósito teleológico, pois, o Criador tem certo intento para com sua criatura. É importante destacar que Deus criou o homem com um desejo inato<sup>140</sup> de felicidade. Assim, todos os homens certamente anseiam a vida feliz. A finalidade da criação tende a levar o homem ao encontro da verdadeira felicidade, mas esta somente é possível na esperança (aqui na terra). Por outro lado, o *telos* da criação tende a se completar somente quando o homem, após viver uma vida virtuosa, alcançar a eternidade em outra vida. Neste

---

<sup>135</sup> Este trecho é referente à obra de Santo Agostinho intitulada *Retractationes I,2*. Tal citação foi retirada da nota de introdução do livro *A vida feliz* (p. 111-112), onde Roque Frangiotti cita o trecho da obra agostiniana.

<sup>136</sup> “Pergunto a todos se preferem gozar da verdade ou falsidade. E todos com firme resolução dizem preferir a verdade, como também afirmam que querem ser felizes.” *Confissões*, 1997, p.296. Editora Paulus.

<sup>137</sup> *Confissões* X,34 (p.296). Editora Paulus.

<sup>138</sup> O homem certamente ama a verdade, porém, pode ocorrer o caso dele deixar ser enganado por uma ignorância ou resistência daquilo que supõe ser verdade. “Assim odeiam a verdade porque amam aquilo que supõe ser verdade [...] Portanto ele será feliz quando, sem obstáculos nem perturbações, puder gozar da única verdade, fonte de tudo que é verdadeiro”. *Confissões*, X,34. (p.297). Editora Paulus.

<sup>139</sup> *Confissões* X,34 (p.296). Editora Paulus.

<sup>140</sup> “Na doutrina agostiniana, a fórmula grega de desejo universal da raça humana de ser feliz, recebe um novo sentido: o desejo natural de beatitude é no homem um instinto inato que Deus lhe confere afim de o levar, graças a ele, até a posse de Deus, na eternidade” Nota Complementar de Nair de Assis Oliveira *A trindade*, 1995, p.675.

sentido, Nair Oliveira afirma que a natureza humana é uma espécie de “vir-a-ser”<sup>141</sup>, pois na cidade terrena, o homem ainda não completou integralmente a realização do seu *telos*.

Agostinho admite que a vida, na cidade terrena, é uma espécie de vida onde o ser humano vive exilado<sup>142</sup>. Isto porque a verdadeira morada do homem é na pátria celeste. Assim, aquele que busca alcançar a felicidade deve viver como um peregrino nesta terra, pois a autêntica felicidade está para além deste mundo terreno.

Em realidade, o pensamento de Agostinho tem o homem como um ser preeminente espiritual, pois afirma que o homem é “uma alma racional servida de um corpo terrestre”<sup>143</sup>. Em vista desse aspecto, pode ser dito que o homem não pode saciar sua essência, que é espiritual, com aquilo que é material. Portando é necessário que o homem busque algo para além da materialidade.

Para o bispo de Hipona, a verdadeira felicidade será dada com a satisfação plena da alma, que possui desejos transcendes a este mundo material. Neste sentido, é importante destacar que a alma humana, tendo sede pelo infinito, jamais se saciará com a posse de bens terrestres, que são finitos. Devido ao fato de todos os bens terrenos perecerem, nesta vida mortal, não é possível obter a posse de um bem imutável que traga a completude para os anseios humanos, uma vez que estes somente serão saciados em uma vida futura, onde será possível obter a posse do sumo bem (Deus).

---

<sup>141</sup> “[...] a nossa ciência nunca igualará a simplicidade da ciência divina, pois a do homem é um “vir-a-ser” ao passo que a de Deus, constante “é”. ” Notas complementares de Nair de Assis Oliveira no livro *A Trindade* (p.711)

<sup>142</sup> “Por ti suspiro no meu exílio, pedindo ao teu Criador que também me possua em ti, porque criou a mim também” Confissões XII,15,21. (p.379)

<sup>143</sup> Em notas complementares, no livro *A Trindade* (p.582), Nair de Assis Oliveira faz citação do trecho da obra de Agostinho *De Moribus ecclesiae catholicae*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**: Edição ampliada e revisada. 1ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Volume I. 2ª edição. Lisboa, Portugal: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 2002.

AGOSTINHO. **A Trindade**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1995.

AGOSTINHO. **A verdadeira Religião**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 2002.

AGOSTINHO. **A vida feliz**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1998.

AGOSTINHO. **Confissões**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1997.

AGOSTINHO. **Confissões**. 26ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Vozes, 2012.

AGOSTINHO. **Solilóquios**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. 4ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Moderna, 2009

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo, Brasil: Editora Martin Claret, 2001.

**Bíblia Sagrada – Edição Pastoral**. Editora Paulus, 1990.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 Lições sobre Santo Agostinho**. 2ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Vozes, 2012.

DIAS, Cleber Eduardo dos Santos. **A filosofia e a Felicidade**. Santa Cruz do Sul – RS, Brasil: Editora EDUNISC, 2004.

**Dicionário de Latim-Português**. 2ª edição. Porto, Portugal. Revista e actualizada pelo Departamento de Dicionários da Porto Editora, 2001.

FERMANI, Arianna. **A vida feliz humana: Diálogo com Platão e Aristóteles**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 2015

FILHO, Juvenal Savian. Prefácio em: **Felicidade vontade e medida: O dinamismo da vida feliz segundo Santo Agostinho**. Curitiba-Paraná, Brasil: Editora Juruá, 2015.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 2007.

HINRICHSEN, Luís Evandro; SILVA, Paula Oliveira e. (Orgs.) **Agostinho de Hipona: Ensaios sobre Deus, liberdade e comunidade**. Porto Alegre - RS, Brasil: Letra e Vida – Editora Suliani, 2014.

HOFFMANN, Edgar. Sêneca: a tranquilidade da alma. In: ALBORNOZ, Suzana Guerra (org.). **A Filosofia e a felicidade**. Santa Cruz do Sul- RS, Brasil: Editora EDUNISC, 2004.

OLIVEIRA, Nair de Assis. Notas complementares em: AGOSTINHO. **A Trindade**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1995.

PLATÃO. **A República**. São Paulo, Brasil: Editora Nova Cultural, 1997

FRANGIOTTI, Roque. Notas e introdução em: Agostinho. **A vida feliz**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1998; em AGOSTINHO. **Confissões**. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1997.

SILVA, Josadaque Martins. **Felicidade, Vontade e Medida: O dinamismo da Vida Feliz segundo Santo Agostinho**. Curitiba-Paraná, Brasil: Editora Juruá, 2015.

SILVA, Nilo César Batista da. Desiderium Dei, percurso do homem interior em Agostinho de Hipona. In: **Agostinho de Hipona: Ensaios sobre Deus, liberdade e comunidade**. HINRICHSEN, Luís Evandro; SILVA, Paula Oliveira e. (Orgs.) Porto Alegre - RS, Brasil: Letra e Vida – Editora Suliani, 2014.

## DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

FERNANDES, Maria Imaculada Azevedo. **Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona**. Sapientia PUCSP, 2007. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/11759/1/Maria%20Imaculada%20Azevedo%20Fernandes.pdf>> Acesso em 21 de setembro de 2017.

PAVIANI, Jayme. **Notas sobre o conceito de virtude em Platão**. Revistas eletrônicas PUCRS, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/viewFile/11135/8>> Acesso em: 15 de setembro de 2017.